

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO

ELOÍSA BRESSAN
MARCELA ALVES PEIXOTO
SOPHIA RIBEIRO ELIAS

A ESPERANÇA NA PONTA DOS PÉS: TRAJETÓRIA DE BAILARINOS
DAS PERIFERIAS DE CAMPINAS

CAMPINAS

2023

Eloísa Bressan
Marcela Alves Peixoto
Sophia Ribeiro Elias

**A ESPERANÇA NA PONTA DOS PÉS: A TRAJETÓRIA DE BAILARINOS
DAS PERIFERIAS DE CAMPINAS**

**Relatório Técnico apresentado à disciplina
ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO
EXPERIMENTAL, da Faculdade de Jornalismo, da
Escola de Linguagem e Comunicação, da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
com exigência parcial para aprovação na referida
disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos
Alberto Zanotti**

PUC-CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

306.086 Bressan, Eloísa
B843e

A esperança na ponta dos pés: a trajetória de bailarinos das periferias de
Campinas / Eloísa Bressan, Marcela Alves Peixoto, Sophia Ribeiro Elias. - Campinas:
PUC-Campinas, 2023.

82 f.: il.

Orientador: Carlos Alberto Zanotti.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de
Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas,
2023.

Inclui bibliografia.

1. Cultura - Ballet. 2. Telejornalismo - Campinas. 3. Periferia - Reportagem
especial. I. Zanotti, Carlos Alberto. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. III. Título.

23. ed. CDD 306.086

SUMÁRIO

Introdução	3
CAPÍTULO 1	5
1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico.....	5
1.2. Modalidade.....	6
1.3. Justificativa.....	7
1.4. Processo de apuração.....	9
1.5. Seleção das fontes.....	10
CAPÍTULO 2.....	13
2.1. Desenvolvimento da produção.....	13
2.2. Processo de edição.....	15
2.3. Projeto/Proposta de divulgação.....	16
2.4. Custos e Gastos.....	19
Referências Bibliográficas.....	20
Anexos.....	21

Introdução

Este relatório tem por finalidade descrever o processo de desenvolvimento do produto jornalístico intitulado *A esperança na ponta dos pés*, uma reportagem especial elaborada para a conclusão do curso de jornalismo. Neste documento, serão detalhadas desde a etapa de definição e justificativa do tema até o processo de apuração, produção e edição da reportagem. Também constam neste relatório a justificativa da modalidade que se impôs como a mais adequada, as referências bibliográficas que serviram de embasamento teórico para o trabalho, o roteiro da reportagem, as pesquisas individuais e as autorizações de uso de imagem e voz concedidas pelos entrevistados.

Para iniciar a produção da reportagem, foram buscados dados que fundamentaram a escolha do tema. De acordo com uma pesquisa realizada pela ONG Data Favela em março de 2023, em parceria com o Instituto SEBRAE de São Paulo (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), 7,7% da população paulista reside nas periferias da cidade. Esse contingente representa aproximadamente 3,4 milhões de pessoas. A mesma pesquisa revelou que o número de residências em favelas aumentou 49% nos últimos dez anos. É possível observar que esse cenário ocorre também em outros centros urbanos do país, como na cidade de Campinas.

Em outro levantamento, realizado pelo Mapa da Desigualdade de 2022, foi contabilizado que bibliotecas, teatros e outros espaços culturais públicos estão majoritariamente concentrados nas regiões centrais dos municípios do país, excluindo a presença desses ambientes em áreas mais afastadas e, conseqüentemente, menos urbanizadas.

Essa realidade despertou o interesse pela ação de projetos sociais que levassem a cultura até essa população marginalizada. Através de pesquisas, foram encontradas diversas ações que oferecem atividades artísticas e educacionais nas comunidades de Campinas. Os projetos inicialmente encontrados foram: *Cursinho Resposta, Dança e Cidadania e Instituto Cândido Ferreira*. No entanto, o foco da reportagem se concentrou apenas na trajetória de vida de pessoas envolvidas com o ballet clássico. Estando essa particularidade presente apenas no projeto social *Dança e Cidadania*, as outras opções acabaram descartadas.

Em razão deste trabalho tratar de aspectos sobre a dança e o ballet clássico, o projeto está categorizado, segundo a classificação do regulamento de projetos experimentais, enquanto uma produção do segmento do jornalismo cultural. A pesquisadora da área Eliane Basso (2008) explica que, para a construção do jornalismo cultural, é preciso que o jornalista ou crítico social busque entender e transmitir as interpretações das formas de arte a suas análises ao público. O jornalismo cultural é considerado uma importante forma de registrar manifestações em nossa sociedade. Para isso, é necessário aprofundar-se nas produções e formas representativas para demonstrar a organização da sociedade através dos movimentos culturais. A autora ainda afirma:

À parte expor a filosofia estética de uma obra, por exemplo, cabe também a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que foi concebida, no sentido de apresentar a obra como um processo cultural, na tentativa de captar o movimento vivo das ideias, e não apenas como produto do mercado da indústria cultural (Basso, 2008, p. 69).

Dessa forma, foi desenvolvida uma reportagem especial audiovisual com cerca de 16 minutos, que busca registrar as trajetórias de bailarinos crescidos nas periferias de Campinas, os quais se apaixonaram pelo ballet e decidiram seguir carreira nesse campo artístico. Um dos principais objetivos da produção é ouvir, através de entrevistas individuais gravadas em vídeo, as histórias, lembranças e experiências particulares de cada bailarino, buscando alcançar uma empatia junto ao público prioritariamente pretendido. A produção pode ser acessada pelo YouTube, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=J6ErLXFtfGA>.

O público-alvo para este produto jornalístico engloba desde pessoas que se interessam pela arte de maneira geral, até indivíduos que se identificam com os depoimentos registrados. Também pretende-se atingir educadores deste ramo da arte e aqueles que se interessam por projetos sociais desenvolvidos junto a populações de comunidades carentes.

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DO TEMA E MODALIDADE

1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico

Uma vez que esta reportagem especial está inserida na área do jornalismo cultural, o trabalho de José Salvador Faro (2006, p. 145) explica que esse segmento jornalístico é entendido como “a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial”. Já a cultura é compreendida, pelo mesmo autor, como no conceito que expõe a seguir:

O conceito de “cultura”, portanto, é o conceito genérico usualmente adotado na esfera da produção jornalística e inclui o acompanhamento que essa produção faz em torno das tendências interpretadoras que se apresentam na mídia pelo processo de legitimação pública conferida por seu vínculo com problemas emergentes da sociedade contemporânea (Faro, 2006, p. 145).

O tema aqui escolhido são as trajetórias de vida e experiências particulares de pessoas que cresceram em áreas periféricas de Campinas, que apontaram a importância da dança nas suas vidas, ponderando sobre o papel do ballet clássico na inserção e no crescimento profissional de cada um. Para exemplificar esse aspecto, a ação do projeto social *Dança e Cidadania*, que oferece aulas de dança para crianças a partir de 7 anos na cidade de Campinas, foi utilizada como apoio para a produção.

Como o foco deste trabalho são as vidas que foram transformadas pelo ballet clássico, um projeto que atuasse exclusivamente nesse meio foi essencial para desenvolver a produção. Através de pesquisas, foi possível encontrar a professora e dançarina Lúcia Helena Negri Teixeira, que desenvolveu o projeto *Dança e Cidadania*.

Com 22 anos de atuação, a instituição criada por ela já motivou diversas pessoas de todas as faixas etárias a seguirem a carreira artística por meio da dança, já que o *Dança e Cidadania* não estabelece uma idade limite para ingressar nas aulas. Muitos desses jovens saíram da periferia e foram levar seus aprendizados e construir carreira no ballet clássico. São essas histórias que se tornaram vitais para a produção da reportagem.

No meio artístico e social, entende-se que existem diversos jovens talentosos espalhados pela Região Metropolitana de Campinas, mas que não encontram muitas oportunidades no mundo da dança por questões financeiras. Em vista disso, projetos

sociais como o *Dança e Cidadania* oferecem apoio e motivação para essas pessoas.

Utilizando como base os dados mais recentes sobre a pobreza na região de Campinas, levantados pelo Cadastro Único¹, e os custos necessários para se manter as aulas de ballet no país, serão expostas as trajetórias de dançarinos, apresentando a importância de projetos sociais no futuro desses jovens. A reportagem especial apresentada foi construída principalmente através de entrevistas com as fontes e captação de imagens relacionadas aos temas por elas abordados.

Apesar de o projeto *Dança e Cidadania* ser utilizado como ponto de partida para nosso trabalho, o principal enfoque desta produção audiovisual é relatar histórias de vida que foram moldadas pelo ballet clássico. Dessa forma, a produção busca evidenciar os benefícios e as mudanças que um projeto social pode desempenhar na vida e na carreira de pessoas comuns que habitam as periferias brasileiras.

1.2. Modalidade

Tendo em vista os objetivos aqui traçados, a modalidade de trabalho que se impôs enquanto mais adequada para o desenvolvimento do produto jornalístico foi o audiovisual e o gênero reportagem especial. Esse formato se impôs devido aos objetivos de expor, relatar e mostrar bailarinos que cresceram nas periferias campineiras. O gênero se colocou como a melhor maneira de apresentar depoimentos coletados, recolher nuances como tom de voz e emoção, visualizar corpos em apresentações e relatar as particularidades dos espaços em que se encontram, seja no aprendizado ou na prática profissional.

A pesquisadora Raquel Longhi (2014, p. 73) defende a ideia de que, em uma reportagem audiovisual, os elementos que compõem a produção não devem ser considerados de forma independente. A autora destaca que todos os recursos sonoros e visuais presentes na produção precisam ser observados em conjunto, já que a união entre eles é a grande responsável por transmitir a narrativa construída.

[...] a interrelação (*sic*) dos dois termos - áudio e visual - estabelece uma integração de ambos para originar um novo produto: o audiovisual pleno, dentro dos quais já não é possível examinar cada um dos

¹ Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/02/24/campinas-registra-media-de-12-mil-novas-familias-em-situacao-de-extrema-pobreza-por-mes-total-chega-a-62882.ghtml> Acesso em 16 de abril de 2023.

componentes separadamente, se você não quer destruir o significado que ele transmite (Longhi, 2014, p. 73).

A principal diferença entre uma reportagem cotidiana e uma reportagem especial, para a autora Tatiane Carvalho (2023), é o cuidado e capricho com as informações coletadas, além da forma como o tema é apresentado para o público. Como exemplos desses aspectos está o enquadramento obtido pelas câmeras, com enfoque no rosto do entrevistado e também em seus gestos corporais; o diálogo com as fontes, de forma a ouvi-las e permitir que transmitam seus sentimentos; e os efeitos utilizados na pós-produção, como a trilha sonora, por exemplo, que complementa as falas e cenas apresentadas.

É importante entender que, a maioria das grandes reportagens são objeto de muito estudo prévio, com checagem e apuração dos possíveis cases, tentativas incansáveis de fontes, horas e horas de gravações, e depois disso, horas ou dias de decupagens, edições e finalizações (Carvalho, 2023, p. 8).

Assim como a modalidade deste trabalho, o ballet também depende de muitos fatores a serem considerados, que vão muito além dos passos realizados pelos bailarinos. As luzes do palco, o figurino utilizado e a música escolhida para acompanhar a dança são fundamentais para a construção de um espetáculo de dança. Por isso, a reportagem procura utilizar os elementos presentes na vida dos bailarinos para compor a narrativa apresentada ao longo do projeto.

Géshica Rodrigues, Iago Porfírio e Marcos Paulo da Silva (2016) afirmam também que a reportagem especial tem como característica a imersão no assunto, visando “informar, entreter e fornecer um conteúdo aprofundado aos telespectadores” (Rodrigues; Porfírio; Silva, 2016, p. 71). E este é o principal objetivo perseguido com a elaboração da reportagem audiovisual que compõe este projeto.

1.3. Justificativa

A escolha do tema surgiu a partir de diálogos e da percepção de um interesse em comum: o desejo de trabalhar com projetos sociais. Ao pesquisar outras produções com temas semelhantes, houve uma identificação com o assunto e a percepção de que o recorte jornalístico escolhido para a reportagem foi pouco desenvolvido em outros trabalhos de conclusão de curso ou meios de comunicação. Com a definição do

enfoque, foram realizadas buscas por ações do gênero que atuam nas regiões periféricas de Campinas. A intenção foi facilitar, pela proximidade geográfica, os trabalhos relativos às gravações de vídeo.

Pesquisas apontam que o ballet é uma manifestação artística que está diretamente ligada à elite, e que o acesso a ela é essencial para todas as classes sociais, uma vez que o talento não é exclusivo de determinadas camadas que compõem o tecido social. De acordo com a newsletter *Só Dança*, além do aspecto artístico propriamente dito, esse estilo de dança oferece inúmeras vantagens ao corpo e à mente. Entre os benefícios estão a melhora na memória, o desenvolvimento da sociabilidade, o fortalecimento do condicionamento físico, o aumento do equilíbrio, flexibilidade, respiração e outros². Apesar dos benefícios oferecidos aos bailarinos, o ballet clássico, desde a sua origem no período renascentista, sempre esteve presente de maneira majoritária entre membros da elite³.

O formato para o desenvolvimento deste trabalho também foi debatido em conjunto, devido ao grande interesse pelas aulas de telejornalismo oferecidas ao longo do curso. A reportagem especial se mostrou adequada, já que essa modalidade permite uma maior exploração do tema abordado. Ao encontrar personagens que tiveram sucesso na vida pessoal e profissional graças ao ballet clássico, o projeto procura trazer proximidade e humanização, o que é fundamental para o jornalismo contemporâneo, de acordo com André Giulliano Mazini (2008).

[...] para que esse tipo de jornalismo proposto ganhe amplitude é necessário que ele não atinja somente a classe intelectual de leitores, mas que atraia o maior número possível de pessoas, tornando esse “jornalismo humanizado” (Manzini, 2008, p. 13).

A princípio, o título da reportagem seria *Da periferia para os palcos do mundo*. No entanto, foi possível notar que nem todos os bailarinos entrevistados saíram do Brasil, fazendo com que esse título não fosse a melhor escolha para o projeto. Posteriormente, após as entrevistas com as fontes e os seus relatos, o título mais adequado acabou sendo *A esperança na ponta dos pés*. O nome se ajustou ao projeto pois todos os entrevistados enxergam o ballet como uma oportunidade e esperança para mudar suas trajetórias de vida e ascender profissionalmente.

² Disponível em: <https://blog.sodanca.com.br/beneficios-do-ballet-classico/>. Acesso em 30 maio de 2023.

³ Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/05/INIC0000257%20ok.pdf. Acesso em 27 de junho de 2023.

1.4. Processo de apuração

Após a definição do tema da reportagem, foram realizadas pesquisas em busca de dados para obter embasamento teórico da produção. Entre esses dados, está o levantamento realizado pelo Cadastro Único, que aponta que o número de famílias em Campinas que vivem em situação de extrema pobreza subiu mais de 30% entre 2022 e 2023. Assim, para grande parcela da população campineira, mostra-se pouco viável ter gastos frequentes com todos os itens necessários para praticar as aulas de ballet.

Os custos para dançar ballet, mesmo que seja apenas um hobby, são muito altos e pouco acessíveis para a população. De acordo com Lúcia Teixeira, uma das fontes entrevistadas na produção, uma sapatilha de ponta de qualidade e que se adapte aos pés de um dançarino custa cerca de R\$300,00. Além da sapatilha, os bailarinos precisam adquirir outros itens para dançar, como meia-calça, collant, figurino para as apresentações, entre outros. No entanto, a falta de recursos financeiros não deveria ser um impedimento para a prática de atividades culturais por essa parcela da população.

Pesquisando sobre iniciativas que garantem o acesso à cultura para famílias marginalizadas, foi possível encontrar a ação do projeto *Dança e Cidadania*, que surgiu em 2001 com o objetivo de ensinar ballet clássico para pessoas que não possuíam a possibilidade de pagar por essas aulas. É um projeto totalmente gratuito que atua nos bairros periféricos das cidades de Campinas, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Cosmópolis e Itajubá, em Minas Gerais.

Nos anos iniciais do projeto, também eram oferecidas aulas de sapateado e ballet aéreo, porém atualmente, ele é focado apenas na modalidade do ballet clássico. Em Campinas, onde é o foco da reportagem produzida, o *Dança e Cidadania* atua nos bairros Vila Mendonça, Jardim Florence II, Jardim Nova Europa e Vila Padre Anchieta. A iniciativa conta com cerca de 300 alunos, com as aulas oferecidas em sedes de ONGs, centros culturais e academias de dança.

No primeiro semestre deste ano foram feitas pré-entrevistas, de forma remota, com as fontes selecionadas para o projeto. Ao realizar perguntas básicas aos entrevistados, foi possível observar uma opinião bastante recorrente entre eles: o fato de o ballet sempre ter sido mais que um hobby em suas vidas. Para eles, as aulas de

dança foram essenciais para o desenvolvimento de traços de responsabilidade, compromisso e disciplina, tanto nas suas vidas profissionais quanto pessoais. Desse modo, nota-se que a ação de projetos sociais traz muitos benefícios na vida de jovens periféricos. Além de o ballet ser um estilo de dança que garante vantagens para a saúde desses jovens, as aulas também ajudam na construção de valores e princípios na vida dos profissionais.

Já no segundo semestre deste ano, período em que começaram as gravações, também foi necessário realizar mais apurações a fim de encontrar novas fontes para complementar o conjunto de informações da reportagem. O principal meio utilizado para buscar essas pessoas foi através da idealizadora do *Dança e Cidadania*, que ainda mantém contato com seus antigos alunos. Após a confirmação das fontes e a realização das entrevistas, foi iniciado o processo de roteirização. De acordo com Astréia Soares, Maria Cristina Peixoto, Ismar Cunha *et al*, o roteiro é uma peça-chave para as produções audiovisuais. Os autores acreditam que:

[...] o roteiro é fundamental no processo de produção audiovisual, contribuindo decisivamente para a consolidação de padrões estéticos, narrativos e visuais, inovando tanto na forma quanto no conteúdo das mensagens (Soares et al., 2015, p. 2)

Para o roteiro, foram apurados mais dados e feitas pesquisas que acrescentassem informações fundamentais ao conteúdo apresentado pela reportagem. Além dos dados, também foi realizada uma curadoria nas entrevistas, sendo os trechos mais impactantes selecionados para compor a narrativa.

1.5. Seleção das fontes

Lúcia Teixeira: Lucia Helena Negri Teixeira, de 70 anos, é a idealizadora do projeto *Dança e Cidadania*, instituição junto à qual a maior parte das fontes utilizadas no projeto estão ligadas. Nascida em Orlandia/SP, ela se mudou para a cidade de Campinas ainda jovem. Aos 10 anos, se interessou por um conservatório da cidade que oferecia bolsa de estudos para as aulas de ballet. A professora e bailarina destaca que a bolsa de 100% que conquistou no conservatório foi fundamental para sua carreira na dança, já que a mesma não tinha condições para pagar as aulas. A partir dessa experiência, Lúcia percebeu que muitas crianças, assim como ela, não tinham

condições de custear a mensalidade das aulas, mas tinham um grande potencial para crescer pessoalmente e profissionalmente dentro da dança. Assim, ela começou a dar aulas de ballet para grupos de pequenos alunos no bairro Jardim Nova Europa.

Elaine Nogueira: Elaine Nogueira Silva, de 35 anos, é psicóloga e atualmente está cursando Dança na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A dançarina nasceu e cresceu no bairro Capão Redondo, no município de São Paulo. Ainda jovem, Elaine saiu da periferia de São Paulo e se mudou para a cidade de Bragança Paulista, onde teve seu primeiro contato com a dança em um projeto social da cidade, se tornando professora do mesmo anos depois. Posteriormente, ela conseguiu fundar seu próprio projeto social, chamado *Florescer*. Elaine compõe a reportagem como uma fonte que irá explicar as vivências do ballet dentro do cenário da periferia.

Christopher Rechi: Christopher, de 32 anos, morou no bairro Jardim Nova Europa em Campinas e conheceu o projeto *Dança e Cidadania* na escola em que estudava (E. E. Prof. João Gumercindo Guimarães). Hoje, graças ao interesse que foi despertado ao longo das aulas no projeto, ele trabalha com acrobacias aéreas em cruzeiros marítimos, musicais e teatros pela Europa.

Eduardo Rechi: Eduardo é irmão de Christopher e também residia no Jardim Nova Europa na infância e adolescência. O artista começou a participar do *Dança e Cidadania* quando tinha 17 anos. Ele assistia as apresentações do seu irmão, e a partir de então foi convidado para fazer uma pequena participação com o grupo de bailarinos do projeto. Atualmente, Eduardo mora na cidade de Penha, em Santa Catarina, e trabalha como acrobata aéreo no parque de diversões Beto Carrero World.

Gessica Paschoini: Gessica nasceu e cresceu na cidade de Campinas, mais especificamente no bairro Jardim Eulina. Ela começou a frequentar aulas de ballet aos 7 anos e posteriormente ingressou no projeto *Dança e Cidadania*, permanecendo até seus 18 anos. Atualmente, mora na cidade de Hortolândia e continua inserida no meio da dança: ela fundou a própria escola de ballet, chamada *Ballet e Movimento*.

Sayron Alves: Sayron iniciou sua trajetória no *Dança e Cidadania* aos 7 anos de idade. Ele e seus 2 irmãos, que também frequentavam as aulas de dança, passavam

grande parte do tempo sozinhos em casa, enquanto a mãe deles estava no trabalho. Eles conheceram o projeto social na escola em que estudavam, no bairro Satélite Iris I. Em sua adolescência, Sayron conseguiu uma vaga na *Escola de Teatro Bolshoi* no Brasil, onde se formou como bailarino. Posteriormente, mudou-se para a Rússia e seguiu com a sua carreira de dançarino. Atualmente, aos 25 anos, ele trabalha como bailarino em um teatro na Romênia.

Savyo Nunes: Savyo tem 27 anos e cresceu no bairro Satélite Íris I, em Campinas. O bailarino, que é irmão de Sayron, começou a frequentar as aulas de ballet aos 9 anos e nunca mais parou. Em 2011, participou do processo seletivo para a *Escola de Teatro Bolshoi* no Brasil junto com o seu irmão e foi aprovado. No ano seguinte, iniciou sua formação na academia e se dedicou à dança por 4 anos, entre 2012 e 2016. Ao longo desses 18 anos de carreira, o dançarino já passou pela escola de dança *Corpo Livre* em Valinhos/SP e atualmente dança na academia *Lina Penteado*, em Campinas. Todos os anos, Savyo realiza uma viagem aos Estados Unidos para participar do festival “Quebra Nozes”, na academia *Derrick Ballet Conservatory*, na Carolina do Sul, dirigida pela também brasileira Melissa Derick.

Nathália Corrêa: Nathália tem 25 anos, cresceu no bairro Jardim Santa Cruz em Campinas, e atualmente mora na região do Campos Elíseos. Desde cedo, Nathália conciliava as brincadeiras da infância com as aulas de ballet. Com apenas 6 anos, já dançava em uma escola do bairro. Após anos de dedicação ao mundo das artes, a bailarina conquistou sua formação na companhia *Royal Ballet School* e, atualmente, é a primeira bailarina na *Companhia de Dança de Campinas* e professora na escola *Ballet e Harmonia*.

CAPÍTULO 2

DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

No segundo capítulo deste relatório, será descrito todo o processo de produção e desenvolvimento da reportagem especial. Desde a procura pelas fontes, as dificuldades encontradas nas gravações, o processo de roteirização, gravação e edição da reportagem, até as técnicas de divulgação do projeto e os gastos necessários para a produção.

2.1. Desenvolvimento da produção

Ao descobrir o projeto *Dança e Cidadania*, a primeira etapa da produção consistiu em entrar em contato com a professora e fundadora da iniciativa, Lúcia Teixeira, a qual contribuiu concedendo entrevista e fornecendo meios de entrar em contato com diversos bailarinos que passaram pelo projeto nos últimos anos.

Após entrar em contato com os dançarinos e convidá-los para conceder entrevista para a reportagem, surgiu a primeira dificuldade da produção. Como a reportagem pretende relatar histórias de jovens campineiros que seguiram carreira no ballet, grande parte das fontes já não residiam mais na cidade de Campinas. Alguns desses bailarinos saíram do estado de São Paulo com a finalidade de encontrar melhores oportunidades na profissão, enquanto outros construíram uma vida fora do país. A modalidade do projeto demandava que as gravações ocorressem presencialmente na maioria dos casos, assim seria possível garantir a qualidade das imagens e dos sons captados.

No entanto, duas das fontes convidadas tiveram suas entrevistas feitas de forma remota. Foi o caso de Christopher, que trabalha em um cruzeiro marítimo na Europa sem previsão de volta, e de seu irmão Eduardo, que reside em Santa Catarina, e não esteve em Campinas neste ano. Todas as instruções para posicionamento de câmera, enquadramento e qualidade de áudio foram passadas para as fontes, visando manter-se um padrão entre as entrevistas realizadas.

Sayron Alves, um dos bailarinos entrevistados, mora atualmente na Romênia, mas esteve em Campinas no final do mês de agosto por apenas uma semana. Ao entrar em contato com o dançarino, ele se mostrou disposto a conceder a entrevista

pessoalmente. Apesar de terem havido dificuldades para encontrar um local para realizar a gravação e o prazo curto para organizar a entrevista, a conversa foi realizada presencialmente com o bailarino.

Para a entrevista de Sayron e das demais fontes (Gessica, Nathália, Lúcia, Savyo e Elaine), foram utilizados os recursos disponibilizados pelo Laboratório de Imagem e Som (Labis) da universidade. Após a definição de uma data com os entrevistados e o contato com o laboratório, as gravações externas com os cinegrafistas foram solicitadas.

Como as produções realizadas fora da faculdade exigem o deslocamento do cinegrafista, todas as gravações deveriam ser solicitadas com pelo menos dez dias de antecedência, e esse foi outro desafio encarado ao longo da produção. Muitas entrevistas exigiam uma certa agilidade para serem feitas, como no caso de Sayron. Bem por isso, nem sempre foi possível respeitar o período estipulado pelo Labis, sendo necessário solicitar gravações com urgência.

Com as fontes entrevistadas pessoalmente, um ponto importante foi definir o espaço adequado para realizar as gravações. Gessica e Lúcia forneceram suas próprias escolas de dança para a produção. Nathalia ofereceu o espaço da academia de ballet onde é professora, enquanto Elaine reservou uma sala dentro da faculdade em que estuda para conceder a entrevista. Savyo foi a única fonte que teve a entrevista realizada no auditório do Campus I da PUC Campinas. Por fim, a conversa com Sayron aconteceu em uma praça próxima do seu bairro, no Satélite Íris 2.

No início das gravações, foi estabelecido que crianças e adolescentes não seriam entrevistados para essa reportagem. Como o enfoque da produção está nas histórias de bailarinos que cresceram nas periferias de Campinas e seguiram carreira no mundo artístico, jovens que ainda não conquistaram seu espaço dentro dessa profissão não se encaixaram no perfil dos entrevistados pretendidos. Foram utilizadas as imagens de algumas crianças dançando ao longo da reportagem apenas como forma de demonstrar onde os personagens principais da narrativa começaram suas trajetórias.

A modalidade que se impôs para a reportagem permite que o jornalista apareça mais de uma vez ao longo da produção. Por isso, foram inseridas três passagens⁴ ao longo da reportagem, realizadas pela repórter. Apesar de as gravações terem sido

⁴ Aparição do jornalista dentro da produção, momento em que o profissional fala diretamente com o público.

realizadas em dias diferentes, a repórter esteve presente nas passagens sempre utilizando a mesma roupa. Dessa forma, manteve-se uma linearidade na história narrada e uma fácil identificação da mesma.

Após selecionar todas as falas dos personagens, bem como as passagens que seriam utilizadas, os *offs*⁵ da reportagem foram elaborados em conjunto. As falas narradas pela repórter foram construídas de forma a complementar as imagens utilizadas, para não repetir a mesma ideia apresentada pelo entrevistado. Todos os *offs* também foram gravados com o auxílio do Laboratório de Imagem e Som. Com as imagens selecionadas e o roteiro finalizado, a edição da reportagem também foi agendada com o Labis. Havia 40 horas disponibilizadas pela faculdade para trabalhar no produto jornalístico, e todo esse período foi utilizado para a conclusão da produção.

2.2. Processo de edição

Com as gravações finalizadas, a edição da reportagem foi iniciada no Labis. Nos primeiros dias de edição, a editora designada pelo Labis nos ajudou a montar o esqueleto da reportagem, e para isso, a profissional utilizou o roteiro com o tempo, as imagens e os *offs* já selecionados. Como os cinegrafistas captaram diversas imagens de apoio, foram necessárias poucas artes extras para acrescentar na reportagem. A editora elaborou um GC (gerador de caracteres) que se encaixasse com o tema e trouxesse movimento, para apresentar os entrevistados e a repórter. Para isso, foi utilizada uma fonte tipográfica clássica e cursiva, para remeter ao assunto abordado ao longo da reportagem.

Em um segundo momento, foi necessário acrescentar alguns elementos essenciais na produção. O primeiro foi a inclusão de mapas que mostrassem a localização dos bairros onde viveram algumas das fontes. Para isso, a editora utilizou a ferramenta do Google Earth. O segundo foi alterar a fonte tipográfica utilizada nos GCs, para que se tornasse mais legível, pois devido ao curto tempo que ele fica na tela, poderia haver dificuldades de leitura. Essa alteração também foi feita na vinheta inicial e final, já que a mesma fonte gráfica foi utilizada durante toda a reportagem.

Feitas essas mudanças, a produção da vinheta foi iniciada. Para isso, as imagens de apoio que seriam utilizadas na abertura da reportagem já tinham sido pré-selecionadas. Foram priorizadas imagens de artigos que fazem parte da rotina de um bailarino e que representam o ballet, como os passos de dança e a sapatilha. Além

⁵ Texto narrado pelo repórter ou apresentador sem que ele apareça na gravação.

disso, como a cor rosa está muito presente nos itens de ballet, essa tonalidade foi selecionada para ser a cor principal da reportagem e da vinheta.

A trilha sonora precisava se conectar com as imagens mostradas ao decorrer da vinheta. De acordo com Raíssa Camara (2013), a trilha sonora que compõe uma produção audiovisual, seja ela jornalística ou cinematográfica, é a grande responsável por trazer dinamização para a narrativa apresentada. A autora afirma que a música escolhida pode transmitir grande parte dos sentimentos das fontes entrevistadas.

Amor, tristeza e medo são só alguns exemplos de sentimentos que uma boa trilha sonora pode transmitir para o espectador. A música pode, ainda, ambientar o público em relação à época e ao lugar onde a produção se passa. Dessa forma, a partir da trilha sonora e de outros recursos cinematográficos, o espectador consegue interpretar a narrativa apresentada. (Camara, 2013, p. 11).

Por isso, a melhor opção foi utilizar uma música que não possui letra e conta apenas com a melodia, já que a maioria das apresentações de dança optam por trilhas sonoras que possuem tons suaves e depois ganham mais ritmo e força. Para valorizar os dançarinos e a musicalidade presente em suas vidas, o volume do som de fundo da reportagem foi aumentado em quatro momentos diferentes. Assim, também foi possível realizar pausas entre as falas da repórter e dos entrevistados.

Em alguns momentos da edição, foi necessário realizar cortes nos *takes*, cenas gravadas pelo cinegrafista, e nos áudios inicialmente selecionados no roteiro, para que assim houvesse uma maior conexão e fluidez entre as falas e as imagens. Por fim, na finalização da reportagem, os créditos finais apresentaram os agradecimentos para todos os envolvidos e apoiadores do trabalho, desde os professores, orientadores e funcionários da faculdade, até os familiares.

2.3. Projeto/Proposta de divulgação

As redes sociais foram o principal mecanismo para divulgação da reportagem produzida. Para isso, um perfil somente para a difusão do projeto foi criado na plataforma Instagram, com o nome de usuário @esperancanospes. No perfil do projeto, foram elaboradas postagens apresentando o tema da reportagem e um pouco sobre quem está por trás da produção.

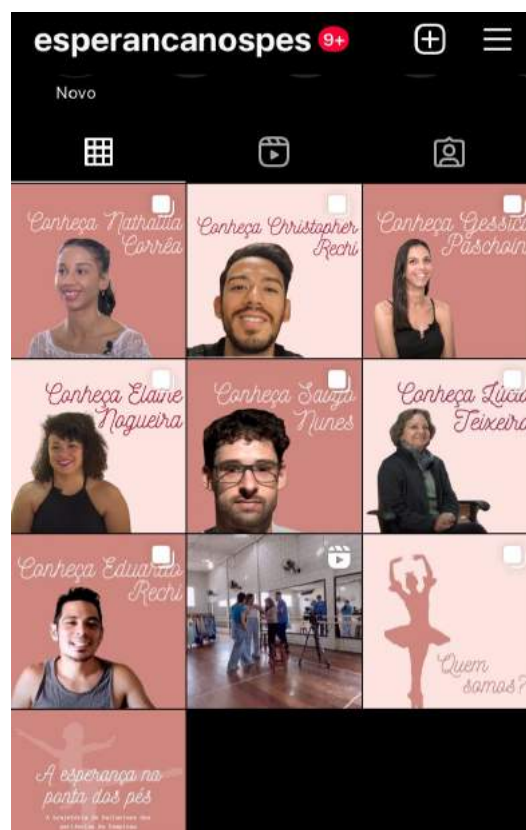
Foram incluídos no projeto de divulgação posts que apresentassem as fontes entrevistadas e um pouco do processo de produção, incluindo a rotina de gravação e

edição. Através do aplicativo Canvas, foi construída uma identidade visual para o Instagram do projeto, que consiste majoritariamente em tons de rosa, cor que remete aos artigos utilizados no ballet (sapatinha e meia-calça, por exemplo).

Identidade visual:



Rede social:



Para facilitar o acesso do público ao conteúdo produzido, a reportagem completa foi inserida no YouTube. Uma conta foi criada exclusivamente para a difusão do vídeo na plataforma, conforme demonstra a imagem abaixo.



A esperança na ponta dos pés

@esperancanospes · Um vídeo

Saiba mais sobre este canal >

Personalizar o canal

Gerenciar vídeos

Início Vídeos

Envios



A esperança na ponta dos pés - A trajetória de bailarinos das periferias de Campinas

0 visualizações · há 22 minutos

Reportagem especial em vídeo revela a trajetória de bailarinos crescidos nas periferias de Campinas, que atualmente seguem carreira no universo da dança. Na produção, seis artistas contam...

Outro meio utilizado para a divulgação do trabalho foi através do Portal Digitais, site de produção de conteúdo do curso de jornalismo da PUC-Campinas. Uma estudante produziu uma notícia falando sobre todos os projetos experimentais do curso de jornalismo, desenvolvidos no ano de 2023. Na reportagem, foi feita uma tabela com o nome de cada projeto, gênero da produção e os componentes dos grupos. A notícia completa está disponível pelo link <https://digitais.net.br/2023/10/audiovisual-predomina-em-tccs-de-jornalismo/>.

2.4. Custos e Gastos

Os gastos com a produção da reportagem ocorreram, principalmente, com a locomoção até os locais das entrevistas. Foram realizadas 8 entrevistas ao todo: 2 remotamente, que não apresentaram nenhum gasto, e 6 presencialmente. Das entrevistas presenciais, cinco ocorreram na cidade de Campinas/SP e uma em Hortolândia/SP. Foram percorridos cerca de 153km somando todos os trajetos, gastando aproximadamente R\$70,00 com a locomoção para os locais de gravação.

Além disso, houve um gasto de R\$80,00 para a compra de um pen drive, que foi adquirido para armazenar todos os materiais utilizados para a elaboração da reportagem (entrevistas, imagens de apoio, roteiro e outros). Os demais recursos necessários para a produção não ofereceram gastos, pois os equipamentos (câmeras, microfones e iluminação) e os profissionais (cinégrafistas, editor e operador de áudio)

foram disponibilizados gratuitamente pelo Labis.

A questão dos gastos foi um dos principais motivos para estabelecer o enfoque da reportagem para a região de Campinas. Dessa forma, a logística foi facilitada e não houveram despesas exuberantes com a produção. As duas entrevistas que foram realizadas de forma remota ocorreram devido à impossibilidade de estar junto às fontes, pois uma está trabalhando na Europa e a outra na cidade de Penha, em Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

BASSO, E. Para entender o jornalismo cultural. **Comunicação & Inovação**, São Paulo, v. 9, n. 16, jan. - jun. 2008

CAMARA, R. B. **Trilha Sonora no telejornalismo**: a música como instrumento de dinamização e de informação - análise do Jornal Nacional e do Jornal da Globo. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CARVALHO, T. **Por trás das lentes**: os bastidores de uma grande reportagem. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2023.

ENTENDA quais são os benefícios do ballet clássico para a saúde. **Newsletter Só Dança**, jun. de 2019. Disponível em: <https://blog.sodanca.com.br/beneficios-do-ballet-classico/>. Acesso em: 30 de mai. de 2023.

FARO, J. S. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre jornalismo cultural. **Comunicação e Sociedade**, v. 28, n. 46, p. 144-163, 2006.

LONGHI, R. R. O audiovisual como gênero expressivo e sua reconfiguração no jornalismo online. **Estudos da Comunicação**, n. 16, jun. de 2014.

MANZINI, A. G. A estética textual da narrativa jornalística: Ferramentas úteis à humanização do discurso jornalístico contemporâneo. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2008.

MELLO, D. Cerca de 9% da população da cidade de São Paulo vivem em favelas. **Agência Brasil**, nov. de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-11/cerca-de-9-da-populacao-da-cidade-de-sao-paulo-vivem-em-favelas>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

RESK, F. Número de moradias em favelas de SP cresceu 49% em 10 anos, diz estudo. **Metrópoles**, mar. de 2023 Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/favelas-de-sp-numero-de-domicilios-cresceu-49-em-10-anos-diz-estudo>. Acesso em: 30 de out. de 2023.

RODRIGUES, G.; PORFÍRO, I.; SILVA, M. P. A grande reportagem no tratamento de temas socialmente urgentes: uma análise da reportagem Ceasa: trabalho infantojuvenil sob os olhos da sociedade. **Revista Comunicação Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 6, set. de 2016.

SOARES, A; PEIXOTO, M; CUNHA, I; *et al.* Roteiros televisivos: contribuição para o registro da produção brasileira. *In: GT HISTÓRIA DA MÍDIA AUDIOVISUAL E VISUAL*, 10, 2015, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

TEIXEIRA, P. Campinas registra média de 1,2 mil novas famílias em situação de extrema pobreza por mês; total chega a 62.882. **G1**, fev. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/02/24/campinas-registra-media-de-12-mil-novas-familias-em-situacao-de-extrema-pobreza-por-mes-total-chega-a-62882.ghtml>. Acesso em: 16 de abr. de 2023.

ANEXOS

Roteiro final de edição:

Data: 10/10/2023	Nº fita bruta:	Câmera:	Editor de texto:	Retranca: Nos Palcos da Periferia
Produtor(a) / Pauteiro (a): Marcela Peixoto / Sophia Ribeiro Repórter: Eloísa Bressan				
Ano: 2023	Turma: 51	Período: 8º	Professor (a):	Carlos Zanotti

Take	Seleção	Descrição	Off , Passagem, Sonora
------	---------	-----------	------------------------

<p>NATHALLIA (MVI_0728)</p> <p>(MVI_0767)</p> <p>GÉSSICA (00003) 00:08 - 00:13 (00019)</p> <p>LÚCIA (MVI_0414) 00:03-00:10</p> <p>SAYRON (MVI_0497)</p> <p>LÚCIA (MVI_0418) (MVI_0411)</p> <p>ELAINE (IMG_6386) (00005)</p> <p>ELAINE (00002)</p>		<p>VINHETA ABERTURA</p> <p>OFF 1 34 SEGUNDOS</p> <p>SONORA 1 (ELAINE) 02:38 - 02:59 21 SEGUNDOS</p>	<p>VINHETA ABERTURA</p> <p>UM ESTUDO DA ONG DATA-FAVELA / EM PARCERIA COM O SEBRAE / REVELOU QUE 7,7% DA POPULAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO MORA NAS PERIFERIAS DOS CENTROS URBANOS // O NÚMERO EQUIVALE A TRÊS VÍRGULA QUATRO MILHÕES DE PESSOAS // ESSAS COMUNIDADES SOFREM COM A ESCASSEZ DE INFRAESTRUTURA URBANA E TAMBÉM COM A FALTA DE ACESSO À CULTURA E À ARTE // ESSA ESTUDANTE DO CURSO DE DANÇA MOROU BOA PARTE DA VIDA NA COMUNIDADE DO CAPÃO REDONDO / NA CAPITAL PAULISTA / ONDE VIVENCIOU AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS JOVENS DAS PERIFERIAS BRASILEIRAS //</p> <p>“EU ACHO QUE É ACESSIBILIDADE // ACHO QUE TODAS AS PESSOAS TÊM DIREITO A TER ACESSO A TODOS OS CONTEÚDOS // ESSE É UM CONTEÚDO QUE FICA MUITO RESTRITO A UMA COMUNIDADE / A UMA CLASSE SOCIAL/ A UM GRUPO ESPECÍFICO DE PESSOAS/ PARA QUEM TEM RECURSO FINANCEIRO PARA PODER INVESTIR // ISSO JÁ CAUSA UM DISTANCIAMENTO MUITO GRANDE E UM</p>
---	--	---	--

<p>GÉSSICA (00006) (00009) (00042)</p> <p>(0000) 00:06-00:07</p> <p>SAYRON (MVI_0489) 00:04-00:05</p> <p>NATHÁLLIA (00002) 00:00 - 00:02</p> <p>CHRISTOPHER (10.54.59) 00:15 -00:17</p> <p>EDUARDO (13.36.54) 00:15-00:17</p> <p>SAVYO (0000) 00:02-00:04</p>		<p>OFF 2 18 SEGUNDOS</p>	<p>IMAGINÁRIO DE: “O QUE SERÁ QUE É ISSO? POR QUE OS MEUS CORPOS E OS MEUS NÃO PODEM TER ACESSO A ISSO? //”</p> <p>PARA ALGUNS JOVENS / PARTICIPAR DE PROJETOS SOCIAIS VOLTADOS PARA A CULTURA É UMA FORMA DE LAZER // MAS PARA GÉSSICA / SAYRON / NATHÁLLIA / CHRISTOPHER / EDUARDO E SAVYO / O QUE ERA UM PASSATEMPO SE TORNOU UMA PROFISSÃO DO UNIVERSO ARTÍSTICO //</p>
<p>GÉSSICA (00046)</p>		<p>PASSAGEM 1 (GÉSSICA) 00:03 - 00:16 13 SEGUNDOS</p>	<p>A PAIXÃO PELA DANÇA SURTIU EM 1995 / QUANDO GESSICA PASCHOINI COMEÇOU A FREQUENTAR AULAS DE BALLEE EM CAMPINAS // ATUALMENTE / A PROFESSORA E DANÇARINA É PROPRIETÁRIA DA ESCOLA BALLEE E MOVIMENTO / EM HORTOLÂNDIA //</p> <p>“A GENTE COMEÇOU APENAS PARA PASSAR O TEMPO // ERA UMA ATIVIDADE</p>

<p>GÉSSICA (0043)</p> <p>(00007) (00027)</p>		<p>SONORA 2 (GESSICA)</p> <p>02:43 - 03:10 27 SEGUNDOS</p>	<p>QUE TINHA DENTRO DA ESCOLA / ENTÃO PARA A GENTE NÃO FICAR ESTUDANDO / A GENTE ACABAVA INDO PARA O BALLETT // SÓ QUE DENTRO DO BALLETT QUANDO A GENTE FOI REALMENTE PARTICIPAR DA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO / A GENTE TEVE A CAPACIDADE DE VER OUTRAS BAILARINAS DANÇANDO NA PONTA / FAZENDO SOLOS / ENTÃO A GENTE VIU QUE “AH” NÃO ERA SÓ AQUELE BALLETT DE DENTRO DE UMA ESCOLA / E SIM TINHA UM MUNDO POR FORA DISSO NO ARTÍSTICO //”</p>
<p>NATHÁLLIA (MVI_0758) 00:02 - 00:10</p> <p>SAYRON (MVI_0505)</p> <p>LÚCIA (MVI_0392) 00:09 - 00:14</p>		<p>OFF 3</p> <p>15 SEGUNDOS</p>	<p>ALÉM DO AMOR PELA DANÇA / ESSES BAILARINOS POSSUEM OUTRO PONTO EM COMUM: TODOS VIVERAM A INFÂNCIA EM BAIRROS PERIFÉRICOS DE CAMPINAS // QUANDO JOVENS / COMEÇARAM A FREQUENTAR AULAS DE BALLETT NO PROJETO SOCIAL DANÇA E CIDADANIA //</p>
<p>LÚCIA 00004.MTS</p>		<p>PASSAGEM 2 (LÚCIA)</p> <p>00:20 - 00:36 16 SEGUNDOS</p>	<p>NA PERIFERIA DE CAMPINAS / O RITMO DO BALLETT CONTAGIA AS CRIANÇAS DA REGIÃO // HÁ 22 ANOS / O PROJETO SOCIAL DANÇA E CIDADANIA / OFERECE AULAS DE BALLETT PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES DAS COMUNIDADES</p>

<p>LÚCIA 00000 00:16-00:21</p> <p>(20.06.49) 00:13 - 00:20</p>		<p>OFF 4 9 SEGUNDOS</p>	<p>CARENTES / OFERECENDO DISCIPLINA / SONHOS E AUTOESTIMA PARA ESSES BAILARINOS //</p> <p>LÚCIA TEIXEIRA / IDEALIZADORA DO PROJETO / FOI OBRIGADA A CONTORNAR ESTIGMAS PARA LEVAR AS AULAS DE BALLET ATÉ A PERIFERIA //</p>
<p>LÚCIA (00001)</p> <p>(MVI_0387) 00:00-00:35</p> <p>(MVI_0397)</p> <p>(MVI_0474) 00:04-00:10</p>		<p>SONORA 3 (LÚCIA) 03:34 - 04:24 50 SEGUNDOS</p>	<p>“OLHA / QUANDO RESOLVEMOS FAZER ESSE PROJETO / AMPLIAR PARA A PERIFERIA DE CAMPINAS / QUE NÓS COMEÇAMOS EM CAMPINAS APENAS // EU VI ASSIM / EMBORA ALGUNS SETORES QUESTIONASSEM SOBRE DAR AULA NA PERIFERIA / DIZIAM ASSIM: “OLHA, EU ACHO QUE A PERIFERIA NÃO VAI QUERER AULAS DE BALLET CLÁSSICO / EU ACHO QUE ELES QUEREM MAIS DANÇA DE RUA / QUEREM HIP HOP / CAPOEIRA / COISA DESSE TIPO” // EU SEMPRE DISCORDEI / EU SEMPRE ACHEI QUE NÃO É QUE ELES NÃO QUERIAM FAZER BALLET / ELES NÃO TINHAM A OPORTUNIDADE / PORQUE O CUSTO É ALTO REALMENTE // UMA</p>

<p>NATHÁLLIA (MVI_0732) (MVI_0740) (MVI_0747)</p>		<p>OFF 5 19 SEGUNDOS</p>	<p>SAPATILHA DE PONTA HOJE / VOCÊ VAI PAGAR / SEI LÁ / UMA DE BOA QUALIDADE / QUE SE ADAPTE AOS PÉS MAIS FORTES / MAIS DE 300 REAIS / ISSO VAI DURAR UM MÊS // QUER DIZER / QUEM QUE PODE FICAR PAGANDO O MATERIAL ASSIM CARO? //”</p> <p>O PROJETO OFERECE O QUE É PRECISO PARA OS ALUNOS PARTICIPAREM DAS AULAS E APRESENTAÇÕES // APESAR DO APOIO / UMA DAS BAILARINAS E ATUALMENTE PROFESSORA RECONHECE / ATRAVÉS DA SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA / AS DIFICULDADES FINANCEIRAS QUE SEUS ALUNOS ENFRENTAM PARA DANÇAR E SE MANTER COM OS RECURSOS NECESSÁRIOS //</p>
<p>NATHÁLLIA (0002)</p>		<p>SONORA 4 (NATHÁLLIA) 01:52 - 02:48 54 SEGUNDOS</p>	<p>“PRIMEIRAMENTE FOI A QUESTÃO FINANCEIRA NÉ // LÁ ATRÁS / QUANDO ERA MAIS NOVA / A GENTE SABE QUE A GENTE TEM MUITO PROBLEMA COM / NÃO PROBLEMA NÉ? / MAS O QUE MAIS PESA NA DANÇA SÃO VALORES ALTÍSSIMOS / NÉ DE PAGAR FIGURINO / PAGAR SAPATILHA DE PONTA / SAPATILHA DE PONTA É CARÍSSIMA // COLLAT / SAPATILHA MEIA-CALÇA / ENTÃO ASSIM TUDO TEM MANUTENÇÃO / NÉ? EXCETO FIGURINOS QUE VOCÊ COMPRA ALI DUAS VEZES OU UMA VEZ NO ANO / DEPENDE DO QUE VOCÊ DANÇAR // E ASSIM NA PONTA DO LÁPIS / REALMENTE É CARO // ENTÃO</p>

<p>CHRISTOPHER (DUO Bravo) 00:00-00:09</p>		<p>OFF 6 10 SEGUNDOS</p>	<p>PARA MIM QUANDO ERA MAIS NOVA FOI A QUESTÃO FINANCEIRA / NÉ? OS MEUS PAIS PUDERAM PAGAR // MAS EU SABIA NÉ DO QUE TAVA ACONTECENDO // ENTÃO TENTAVA FAZER VALER A PENA // ENTÃO A QUESTÃO FINANCEIRA FOI UM FATOR //”</p> <p>CHRISTOPHER RECHI NASCEU NO JARDIM NOVA EUROPA / EM CAMPINAS // DESDE CEDO SE IDENTIFICOU COM O BALLET E PASSOU A FREQUENTAR AS AULAS NA ESCOLA DO BAIRRO //</p>
<p>CHRISTOPHER (10.55.15)</p>		<p>SONORA 5 (CHRISTOPHER) 00:00 - 00:16 16 SEGUNDOS</p>	<p>“EU COMECEI NO PROJETO COM 10 ANOS DE IDADE E COMECEI COM BALLET CLÁSSICO E SAPATEADO NAQUELA ÉPOCA / E ESSES FORAM OS MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM A DANÇA ASSIM / EM GERAL //”</p>
<p>CHRISTOPHER (Duo bravo) 00:00-00:13</p>		<p>OFF 7 9 SEGUNDOS</p>	<p>ATUALMENTE CHRISTOPHER É ACROBATA NO NAVIO ALEMÃO TUI CRUISES // DEPOIS DE INGRESSAR NO MUNDO DA DANÇA / JAMAIS SE VIU EXERCENDO OUTRA PROFISSÃO //</p>

<p>CHRISTOPHER (10.54.59)</p>		<p>SONORA 6 (CHRISTOPHER) 00:00 - 00:27 27 SEGUNDOS</p>	<p>“EU NUNCA PENSEI EM TER UMA CARREIRA DIFERENTE DO QUE NA ÁREA ARTÍSTICA // ASSIM / JÁ TIVE A OPORTUNIDADE DE TER TRABALHOS FORA DA ÁREA ARTÍSTICA / MAS NÃO / NUNCA ME AGRADOU / ASSIM / FICAR SENTADO NA FRENTE DE UM COMPUTADOR OU FAZER QUALQUER OUTRA COISA // ACHO QUE A MINHA CRIATIVIDADE É TÃO GRANDE QUE EU PRECISAVA DISTRIBUIR ISSO / MOSTRAR ISSO / NOS PALCOS //”</p>
<p>EDUARDO (10.22.39) 01:20-01:27</p> <p>(09.49.41) 00:24-00:31</p>		<p>OFF 8 16 SEGUNDOS</p>	<p>CHRISTOPHER INSPIROU O IRMÃO EDUARDO A FREQUENTAR AS AULAS DE BALLET // INICIALMENTE / ELE SE INTERESSOU PELO SAPATEADO E NO PROJETO CONHECEU TAMBÉM O BALLET CLÁSSICO // MAS HOJE SEGUE CARREIRA COMO ACROBATA AÉREO NO PARQUE DE DIVERSÕES BETO CARRERO //</p>
<p>EDUARDO (13.36.41)</p>		<p>SONORA 7 (EDUARDO) 00:00 - 00:40 40 SEGUNDOS</p>	<p>“EU CONHECI O PROJETO PELO MEU IRMÃO / QUE ELE COMEÇOU UNS DOIS ANOS ANTES DE MIM // ELE É MAIS NOVO QUE EU / E EU CONHECI POR VOLTA DELE APRESENTANDO NO TEATRO CASTRO MENDES / EU ACHO / ELE É DE CAMPINAS // ELE APRESENTOU O SAPATEADO E DEPOIS TAMBÉM BALLET CLÁSSICO / EU</p>

<p>EDUARDO (1° Pas de Deux) (O Corsário)</p> <p>(WhatsApp Image)</p> <p>(08.31.51) 00:10 - 00:25</p>		<p>OFF 9 8 SEGUNDOS</p>	<p>ENTREI PORQUE TINHA UMA PEQUENA APRESENTAÇÃO NUMA IGREJA / ALI NO NOSSO BAIRRO / E PRECISAVA DE MENINO PARA PODER FAZER ESSA PEQUENA APRESENTAÇÃO // E AÍ FIZ ALGUNS PASSINHOS DE DANÇA //”</p> <p>PRECONCEITOS NUNCA FORAM UM PROBLEMA PARA EDUARDO // DENTRO E FORA DE CASA / A PAIXÃO PELA DANÇA FALOU MAIS ALTO //</p>
<p>EDUARDO (13.37.31)</p>		<p>SONORA 8 (EDUARDO) 00:00 - 00:17 00:30 - 00:40 27 SEGUNDOS</p>	<p>“TEVE MUITOS PARENTES ASSIM QUE NÃO ACHAVA QUE IA SER UM CARGO QUE EU PODERIA SEGUIR / A MINHA FAMÍLIA SABE? SE EU NÃO ME ENGANO / MEU VÔ ELE FALAVA QUE NÃO PRESTAVA / QUE NÃO IA DAR EM NADA // E MEUS AMIGOS NA REAL / TEVE UNS QUE JÁ ENTENDIAM / OUTROS QUE FICAVAM COM PRECONCEITO / FALANDO COISA / MAS EU NUNCA LIGUEI / MEU IRMÃO TAMBÉM NÃO //”</p>
<p>SAYRON (The Nutcracker) 00:26-00:32</p>		<p>OFF 10 13 SEGUNDOS</p>	<p>CHRISTOPHER E EDUARDO NÃO FORAM OS ÚNICOS IRMÃOS QUE BUSCARAM PREENCHER O TEMPO OCIOSO NO MUNDO DA ARTE // FOI TAMBÉM O CASO DE SAVYO E SAYRON / QUE FICAVAM</p>
<p>SAVYO (practices) 00:02-00:10</p>			

<p>SAYVO (00015)</p>		<p>PASSAGEM 3 (SAYVO) 00:20 - 00:42 22 SEGUNDOS</p>	<p>SOZINHOS EM CASA QUANDO A MÃE SAÍA PARA TRABALHAR //</p> <p>SAVYO PEREIRA CRESCEU EM CAMPINAS NA REGIÃO DO SATÉLITE IRIS E COMEÇOU AS AULAS DE BALLET NA ESCOLA DO BAIRRO // EM 2016 / SE FORMOU NA ESCOLA DE TEATRO BOLSHOI / EM JOINVILLE / E CONSEGUIU UMA VAGA PARA DANÇAR EM UMA ACADEMIA NA CAROLINA DO SUL // ATUALMENTE / O BAILARINO DANÇA NA ACADEMIA LINA PENTEADO //</p>
<p>SAYVO (00005) (00009)</p>		<p>OFF 11 16 SEGUNDOS</p>	<p>QUANDO TINHA 15 ANOS / SAVYO PASSOU NO PROCESSO SELETIVO DA ESCOLA DE TEATRO BOLSHOI NO BRASIL / CONSIDERADA UMA DAS MELHORES ACADEMIAS DE DANÇA DO MUNDO // EM 2012 SE MUDOU PARA JOINVILLE / ONDE PERMANECEU POR QUATRO ANOS / ATÉ SE FORMAR //</p>
<p>SAVYO (0000)</p> <p>05:33-05:43 (Grand Pax de Deux) 00:00-00:13</p>		<p>SONORA 9 (SAVYO) 11:03 - 11:41 38 SEGUNDOS</p>	<p>“NO COMEÇO A GENTE NEM SABIA O QUE ERA BOLSHOI // PORQUE A GENTE FAZIA O PROJETO COMO HOBBY / NÉ? // A GENTE GOSTAVA / ERA BOM DANÇAR / TINHA AMIZADES DENTRO / ENTÃO A GENTE NÃO SABIA O QUE ERA O BOLSHOI // MINHA MÃE TRABALHAVA NO SALÃO / NUM SPA AQUI EM BARÃO GERALDO / E O DONO DO</p>

<p>SAYRON (MVI_0493) 00:02 - 00:10</p> <p>SAYRON (Sayron Pereira) 00:07 - 00:24</p>		<p>OFF 12 28 SEGUNDOS</p>	<p>SALÃO FALOU PARA ELA “Ó / VAI TER UMA AUDIÇÃO // FALA PARA OS SEUS FILHOS IREM / É UMA ESCOLA BOA” / E A MINHA MÃE FALOU E ACABOU QUE A GENTE SE INSCREVEU E FOI PARAR LÁ EM PAULÍNIA / FOI EM PAULÍNIA A AUDIÇÃO // FOI EU / MAIS MEUS DOIS IRMÃOS E UMA MENINA TAMBÉM DO PROJETO / A LORENA // E ACABOU QUE A GENTE PASSOU / MEIA-NOITE SAIU O RESULTADO / A GENTE PASSOU E AÍ QUE A GENTE FOI PESQUISAR O QUE ERA BOLSHOI //”</p> <p>SAYRON ALVES / IRMÃO DE SAVYO / TAMBÉM CONQUISTOU O DIPLOMA NO BOLSHOI // COM A ACADEMIA / O ARTISTA TEVE A OPORTUNIDADE DE SE APRESENTAR EM UM CONCURSO INTERNACIONAL DE BALLETT // A EXPERIÊNCIA GARANTIU A ELE UMA VAGA DE SOLISTA NA ÓPERA DA CIDADE DE PERM / LOCALIZADA NA RÚSSIA // HOJE ELE É BAILARINO EM UM TEATRO NA ROMÊNIA // A TRAJETÓRIA DE SAYRON FOI PERMEADA POR SACRIFÍCIOS NA VIDA PESSOAL / MAS NENHUMA DESSAS DIFICULDADES O FEZ DESISTIR //</p>
---	--	--------------------------------------	---

<p>SAYRON (MVI_0488)</p>		<p>SONORA 10 (SAYRON) 7:40 - 8:11 31 SEGUNDOS</p>	<p>“EU ME SINTO MUITO FELIZ NA PARTE PROFISSIONAL / MAS SÃO DUAS COISAS DIFERENTES / PORQUE EU TENHO QUE FAZER UM SACRIFÍCIO NA MINHA VIDA QUE É VIVER LONGE DA MINHA FAMÍLIA DAS PESSOAS QUE EU AMO PARA VIVER DO MEU SONHO / NÉ? // E AS PESSOAS QUE TÊM QUE ENTENDER QUE A DECISÃO QUE VOCÊ TOMA NA SUA VIDA PROFISSIONAL OU ALGUM ASPECTO DIFERENTE QUE VAI TER SACRIFÍCIO E ESSE É O MEU MAIOR SACRIFÍCIO ENTENDEU? MAS EU SOU FELIZ APESAR DE TUDO //”</p>
<p>NATHÁLLIA (MVI_0772) 00:04 - 00:14</p> <p>(MVI_0729) 00:00 - 00:06</p> <p>(MVI_0754) 00:09 - 00:14</p>		<p>OFF 13 16 SEGUNDOS</p>	<p>NATHALLIA INICIOU SUA TRAJETÓRIA NO BALLE AOS 6 ANOS // HOJE / É BAILARINA NA COMPANHIA DE DANÇA DE CAMPINAS E PROFESSORA NA ESCOLA BALLE E HARMONIA // COM OS PÉS NO CHÃO E A BAGAGEM QUE JÁ CONQUISTOU / A ARTISTA PROJETA NO FUTURO O MAIOR DE SEUS SONHOS //</p> <p>“O MEU MAIOR SONHO MESMO É TENTAR INGRESSAR NUMA COMPANHIA DE DANÇA INTERNACIONAL // A GENTE SABE QUE O</p>

<p>NATHÁLLIA (00002)</p> <p>(MVI_0761) 00:00 - 00:11</p>		<p>SONORA 11 (NATHÁLLIA) 04:42- 05:47 65 SEGUNDOS</p>	<p>BAILARINO ELE TEM DATA DE VALIDADE / NÉ? NÃO DÁ PARA A GENTE TRABALHAR POR UM PERÍODO LONGO QUANTO ÀS DEMAIS PROFISSÕES // MAS EU AINDA TENHO ESSE ESSE SONHO / NÉ? JÁ PRESTEI ALGUMAS AUDIÇÕES E NÃO CONSEGUI PASSAR / ALGUNS LUGARES EU CONSEGUI BOLSA / MAS ERA AQUELA BOLSA ASSIM DE 50% / VOCÊ PAGA O RESTANTE // E AÍ A ESCOLA PAGA OUTRA / ENTÃO PARA MIM NÃO ERA BENÉFICO // EU TENHO ASSIM A VONTADE A MINHA REALIZAÇÃO MAIOR É SER CONTRATADA MESMO / NÉ RECEBER PARA TRABALHAR EM UMA COMPANHIA DE DANÇA INTERNACIONAL // ENTÃO ISSO É UM SONHO QUE EU INFELIZMENTE AINDA NÃO REALIZEI E GOSTARIA MUITO MUITO DE REALIZAR // ”</p>
<p>NATHÁLLIA (MVI_0763)</p> <p>(MVI_0765)</p>		<p>OFF 14 9 SEGUNDOS</p>	<p>A BAILARINA AINDA NÃO CONQUISTOU VAGA EM UMA COMPANHIA INTERNACIONAL / MAS ISSO NÃO ABALOU SUA RELAÇÃO COM O MUNDO DAS ARTES //</p>
<p>NATHÁLLIA (00002)</p> <p>(MVI_0759)</p>		<p>SONORA 12 (NATHÁLLIA) 05:55 - 06:22 27 SEGUNDOS</p>	<p>“ME SINTO MUITO FELIZ MUITO REALIZADA / EU GOSTO MUITO DE DAR AULAS / MAS ASSIM A MINHA MAIOR PAIXÃO MESMO É QUANDO EU COLOCO A MINHA PONTA</p>

<p>LÚCIA (MVI_0403) 00:07-00:13</p> <p>(22.35.28) 00:00 - 00:06</p>		<p>OFF 15 13 SEGUNDOS</p>	<p>COLOCO SABE MINHA ROUPA DE AULA E EU FAÇO A MINHA AULA DO MEU JEITINHO // EU AMO DANÇAR / NÉ? EU GOSTO MUITO DE ENSINAR // MAS EU SOU 100% REALIZADA DANÇANDO // ”</p> <p>LÚCIA / FUNDADORA DO DANÇA E CIDADANIA / SE SENTE REALIZADA ATRAVÉS DE CADA CONQUISTA DOS JOVENS QUE PASSARAM PELO PROJETO //</p>
<p>LÚCIA (00000) (MVI_0448)</p>		<p>SONORA 13 (LÚCIA) 02:38 - 03:20 42 SEGUNDOS</p>	<p>“EXISTE UM ORGULHO POR VER QUE NÓS ENCONTRAMOS PESSOAS QUE TAMBÉM TIVERAM ESSA DISCIPLINA / TINHAM INTERESSE NA DANÇA E TAMBÉM UMA SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO // PORQUE É O QUE VOCÊ SE PROPÕE A FAZER E SE DEU CERTO // EVIDENTEMENTE / VOCÊ VAI SE SENTIR MUITO BEM COM AQUILO // OLHA EU SEMPRE TRABALHEI / SEMPRE FIZ TUDO COM MUITA DEDICAÇÃO / EU ACHO QUE AS PESSOAS QUANDO ELAS SE DEDICAM MUITO ALGUMA COISA QUANDO ELAS FAZEM AQUILO COM VONTADE / AQUILO VAI RESULTAR REALMENTE EM ALGUMA COISA //”</p>

<p>LÚCIA (MVI_0405) 00:02 - 00:15</p> <p>(MVI_0450) 00:01 - 00:06</p>		<p>OFF 16 21 SEGUNDOS</p>	<p>A PROFESSORA SABE QUE SEUS ALUNOS ENFRENTAM MUITAS DIFICULDADES AO LONGO DA VIDA // AFINAL / SÃO CRIADOS EM BAIROS PERIFÉRICOS DE CAMPINAS // POSSUEM POUCOS RECURSOS FINANCEIROS E QUASE NENHUM APOIO DO PODER PÚBLICO // COMO NÃO CONSEGUE MUDAR ESSA REALIDADE / SEU PRINCIPAL OBJETIVO É GARANTIR AULAS DE EXCELÊNCIA AOS JOVENS BAILARINOS QUE BUSCAM APOIO NO PROJETO //</p>
<p>LÚCIA (00001)</p>		<p>SONORA 14 (LÚCIA) 06:11 - 06:43 32 SEGUNDOS</p>	<p>“NOSSOS ALUNOS NÃO TEM MUITA CONDIÇÃO // ELES TÊM POR EXEMPLO A PIOR ESCOLA / A PIOR ALIMENTAÇÃO/ A PIOR VESTIMENTA / A PIOR MORADIA / MAS EU FAÇO QUESTÃO ABSOLUTA DE QUE O BALÉ DELES SEJA O MELHOR // O MELHOR QUE NÓS POSSAMOS PROPORCIONAR A ELES / PORQUE É ESSA DIFERENÇA QUE ELES VÃO VER DE QUALIDADE / É QUE VAI DESENVOLVER NESSAS CRIANÇAS O SENSO CRÍTICO / PARA QUE QUANDO ELES / MAIS TARDE / ENTENDEREM MELHOR AS COISAS QUE SE PASSAM NO PAÍS / ELES SAIBAM REIVINDICAR AQUILO QUE É DELES POR DIREITO//”</p>

<p>ELAINE (IMG_6389) 00:02 - 00:10</p> <p>(00017.MTS) 00:04 - 00:17 00:22 - 00:27</p>		<p>OFF 17 27 SEGUNDOS</p>	<p>ELAINE ENTROU PARA O BALLET CLÁSSICO AOS 19 ANOS NA ONG VIVA VILA / EM BRAGANÇA PAULISTA // ALI / RECEBIA AULAS GRATUITAS NO BAIRRO VILA APARECIDA // APÓS ALGUNS ANOS / CONSEGUIU FUNDAR O PROJETO FLORESCER / QUE ATENDIA DESDE CRIANÇAS ATÉ IDOSOS // COM SUA EXPERIÊNCIA COMO BAILARINA E PROFESSORA / ELA ACREDITA E LUTA PARA DESMISTIFICAR A IDEIA DE QUE EXISTE UM PADRÃO DE CORPO IDEAL NO MUNDO DA DANÇA //</p>
<p>ELAINE (00001) (00007)</p>		<p>SONORA 15 (ELAINE) 4:59 - 5:16 6:17 - 6:28 28 SEGUNDOS</p>	<p>“ACHO IMPORTANTE REFORÇAR QUE TODOS OS CORPOS DANÇAM // A GENTE DESMISTIFICAR E TIRAR ESSE ESTEREÓTIPO DE QUE QUEM DANÇA / É QUEM TEM ACESSO / QUEM TEM DINHEIRO / QUEM É MAGRO / E QUEM É JOVEM // TODOS OS CORPOS DANÇAM // ENTÃO / EU ACHO QUE SE EU PUDESSE DEIXAR ALGUMA COISA ASSIM / DE TODA ESSA TRAJETÓRIA DE MAIS DE 15 ANOS /DE MUITAS EXPERIÊNCIAS QUE EU TIVE / REALMENTE É ACESSO / UM ACESSO AFETIVO A ARTE // EM QUALQUER LUGAR / DE QUALQUER FORMA //”</p>

<p>GÉSSICA (00000) 00:20 - 00:25</p> <p>LÚCIA (MVI_0438) 00:03 - 00:09</p> <p>NATHÁLIA (MVI_0752) 00:00 - 00:06</p>		<p>OFF 18 21 SEGUNDOS</p>	<p>SE O PADRÃO DE CORPO NÃO FAZ DIFERENÇA NA DANÇA / O MESMO NÃO SE PODE DIZER DA MOTIVAÇÃO // O BALLEt É UMA PROFISSÃO QUE EXIGE DISCIPLINA / FOCO / DEDICAÇÃO E TEMPO // APESAR DAS DIFICULDADES AO LONGO DA VIDA NAS PERIFERIAS DE CAMPINAS / ESSES BAILARINOS NUNCA DEIXARAM DE TER A ESPERANÇA NA PONTA DOS PÉS //</p>
---	--	--------------------------------------	---

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, *Anderson Alves Pereira*,

(nome)

..... *Brasileira*, *solteiro*, RG [redacted]

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado [redacted]

(rua ou avenida e número)

..... *Campinas*, *São Paulo*,

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de de *Agosto* de 20*23*

..... *Anderson*

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Sonya Allys Pereira.....,

Brasileira....., solteira (nome), RG
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à
(rua ou avenida e número)

.....
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de Setembro de 2023

Sonya Allys Pereira.....

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Nathalia Stephany Ferreira J. Correia,

(nome)

....., RG

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à

(rua ou avenida e número)



(Bairro)

Campinas

(Cidade)

SP

(Estado)



(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a
gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 04 de Outubro de 2023

Nathalia

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu , Lucia Helena Negri Teixeira , brasileira, casada, RG [REDACTED]

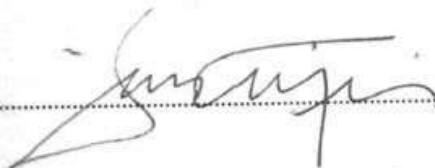
residente e domiciliada à [REDACTED], Campinas,
SP, CEP [REDACTED]

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a
gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 31 de agosto de 2023



(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Genica Parchini.....,

Brasileira....., Casada....., RGI.....
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado

(rua ou avenida e número)

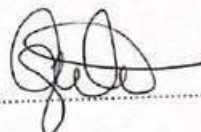
Floribláudia..... São Paulo.....
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, ..05.. de ..Setembro..... de 2023



(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM


Eu, Elaine Nogueira Silva, brasileira, RG: [REDACTED], solteira residente e domiciliado à [REDACTED], Campinas - SP

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 24 de Outubro de 2023



Elaine Nogueira Silva

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu Eduardo Antonio Silva Rechi Jr.,
brasileiro (Nacionalidade), CASADO (Estado Civil), RG [REDACTED]

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED] (Bairro), Recho (Cidade), SC (Estado), [REDACTED] (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 19 de Setembro de 2023

[Handwritten Signature]


(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, LUCIA HELENA NEGRI TEIXEIRA, brasileira, casada, RG [REDACTED], residente e domiciliada à [REDACTED], Campinas, SP, CEP [REDACTED], declaro que o Ballet Harmonia possui autorização de imagem de todos os(as) alunos(as) menores de idade, assinadas pelos respectivos pais e responsáveis.

Autorizo também, por meio deste documento, à ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Essas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, ser comercializadas.

Campinas, 19 de setembro de 2023.



Lucia Helena Negri Teixeira
Diretora

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Christopher Odo Rechi,

....., **Brasileiro.**, RG ...**47.120.136-4.**, **Casado.**
(Nacionalidade) (nome) (Estado Civil)

residente e domiciliado à r

(rua ou avenida e número)

..... **Grande do Sul.**....., **Canela.**..... **Rio**
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a
gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas,19.. deSetembro..... de 2023.

.....


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO

ELOÍSA BRESSAN

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

AS FONTES DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO
CULTURAL BRASILEIRO

CAMPINAS
2023

Eloísa Bressan

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**AS FONTES DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO
CULTURAL BRASILEIRO**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo da PUC- Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Profª Juliana Doretto

**PUC- CAMPINAS
2023**

INTRODUÇÃO

As fontes de informação são, de maneira geral, “referências sobre o que está registrado e disponível ao ser humano, possibilitando reinventar ou compreender melhor seu objeto de estudo” (Araujo; Fachin, 2015, p. 84). No caso do jornalismo, as fontes de informação são tratadas como “qualquer entidade que possua dados susceptíveis de ser usados pelo jornalista no seu exercício profissional” (Sousa, 2005, p. 48 *apud* Teixeira, 2009, p. 24).

Já o jornalismo cultural é uma das áreas de especialização presentes no jornalismo. De acordo com Elaine Basso (2006), ele abrange a divulgação de acontecimentos da chamada “cultura ilustrada” — que também recebe o nome de erudita, com produções de grande apuração técnica — mas também da cultura popular.

Para melhor compreensão do campo entendemos que o Jornalismo Cultural transborda a análise e a divulgação dos produtos da chamada cultura ilustrada (literatura, pintura, escultura, teatro, música, arquitetura, cinema) e abrange a cultura popular, o comportamento social – que revelam os hábitos sociais do cotidiano através das formas de ser e se portar e as ciências sociais, ajustadas em certa medida ao campo da produção jornalística (Basso, 2006, p. 10).

As notícias do jornalismo cultural nascem, em sua maioria, a partir da agenda cultural. Silva e Conceição (2007) destacam que, exceto por algum evento como a morte de uma celebridade ou a revelação de alguma nova expressão artística, esse gênero está sempre pautado pela programação cultural, e, dessa forma, se afasta de uma das características principais do jornalismo: os elementos inusitados que devem estar presentes nas notícias.

De acordo com Traquina (2001 *apud* Almeida, 2010), as notícias são fruto de um processo no qual estão envolvidos diversos agentes da sociedade, que estabelecem relações com interesses diversos. Entre esses sujeitos, estão, sobretudo, as fontes de informação. Bárbara Almeida (2010) afirma que os jornalistas veem na relação com elas uma maior estabilidade para o seu trabalho, porque enxergam nessas figuras uma espécie de autoridade que valida a notícia. Elas representam, portanto, a segurança para a obtenção de um bom resultado no

trabalho. Já as fontes buscam no relacionamento com os jornalistas dar publicidade aos seus atos, conseguir relevância perante a sociedade e reforçar a legitimidade do que é dito por elas nas entrevistas.

Em vista do exposto, o objetivo desta pesquisa é entender como é construída a relação dos jornalistas com suas fontes de informação no jornalismo cultural. Pretende-se compreender como esses vínculos estabelecidos entre ambos interferem na cobertura cultural, que normalmente é baseada em pautas factuais e de agenda. Para isso, primeiramente debatemos a relação entre fontes e jornalistas de maneira geral, em seguida abordamos as principais características do jornalismo cultural, para assim chegar à discussão sobre as fontes de informação no jornalismo cultural.

METODOLOGIA

A pesquisa acadêmica consiste na escolha de um tema de interesse do pesquisador, que é abordado por meio de um problema ou indagação científica. Gil (1987, p. 24) afirma que esse problema apresenta natureza científica quando “envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis”, por meio de um método de investigação. Na escolha do tema desta pesquisa, como dito na introdução, a indagação levantada foi acerca de como se dão as relações dos jornalistas com suas fontes de informação no campo do jornalismo cultural. E a metodologia escolhida para o desenvolvimento foi a revisão bibliográfica.

De acordo com Gil (1987) em sua obra “Como elaborar projetos de pesquisa”, a pesquisa bibliográfica é um trabalho científico desenvolvido “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 1987, p. 44). Outra autora, Ida Regina Stumpf, define a pesquisa bibliográfica como:

Um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (Stumpf, 2006, p. 54).

Nessa metodologia, após o problema ser identificado, inicia-se o processo de busca e seleção dos textos científicos que já estão disponíveis. Segundo Stumpf (2006, p. 52) “a consulta à bibliografia pertinente é uma atividade que acompanha o investigador”, porque é neste momento que ele encontra trabalhos que já foram desenvolvidos sobre o assunto que está sendo pesquisado. A leitura das bibliografias vai auxiliar o pesquisador até a finalização do seu trabalho.

Levando em consideração esta primeira etapa da pesquisa, as principais ferramentas de buscas utilizadas como apoio ao longo deste trabalho foram o Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Para encontrar os artigos que serviram de base à investigação, as principais palavras-chaves utilizadas foram: jornalismo cultural, fontes de informação, fontes no jornalismo cultural, fontes jornalísticas, relação dos jornalistas com suas fontes e o conceito de jornalismo cultural.

Gil também aponta que a consulta à bibliografia que já está disponível traz resultados mais extensos para o pesquisador, quando comparado com uma pesquisa que é baseada na análise de algum objeto empírico.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (Gil, 1987, p. 45).

Por meio da leitura dos materiais selecionados, é possível notar que o que já havia sido estudado sobre as fontes de informação no jornalismo cultural estava disperso em vários artigos. A principal atividade a ser realizada, com base nessa percepção, foi a leitura dos textos, seleção das principais ideias neles presentes e a articulação dessas reflexões no texto acadêmico desenvolvido a seguir.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A relação entre fontes e jornalistas

Para a elaboração de uma notícia, os jornalistas precisam das chamadas fontes de informação. De acordo com Joaquim Fidalgo (2000, p. 323), é por meio delas que “começa quase sempre o processo informativo e delas depende

grandemente a credibilidade da informação”. No exercício da profissão dos jornalistas, as fontes são essenciais para garantir à sociedade o direito à informação. Isso ocorre porque elas são as responsáveis por divulgar dados que são de interesse do jornalista (e, portanto, da sociedade como um todo) para a construção das notícias.

No processo da busca por informações por meio das fontes, ocorre a construção de relacionamentos pessoais delas com os jornalistas. Nesse sentido, Almeida afirma que “as fontes têm uma habilidade cada vez maior de se adequar às necessidades dos jornalistas e manter certa visibilidade nos meios de comunicação” (2010, p. 38). Isso acontece, ainda segundo a autora, pois algumas fontes não têm fácil acesso aos meios de comunicação para se promoverem e por isso precisam se adaptar às exigências desses profissionais, para que consigam o destaque que desejam receber nos noticiários.

Almeida (2010) classifica a maneira como são travadas as relações dos jornalistas com suas fontes como um “casamento de conveniência”, ou seja, uma relação que existe porque um precisa do outro para alcançar objetivos: profissionais, no caso do jornalista, e pessoais, para as fontes.

O interesse privado que move as fontes leva-as a agir em duas frentes: a conquista do acesso aos meios de comunicação, e não apenas da cobertura da mídia, e também a administração das tentativas dos jornalistas de acessar os bastidores das instituições a que estão ligadas (quando é o caso) (Almeida, 2010, p. 37).

De acordo com Rousseau, Sitlon, Burt & Cameron (1998 *apud* Marinho, 2000), existem três tipos de relações de confiança entre jornalistas e fontes. A primeira apresenta um viés calculista, na qual as duas figuras estimam quais são os benefícios que essa relação pode estabelecer. A segunda está no campo relacional, ou seja, a interação repetida entre as partes pode ocasionar em algum tipo de afetividade. Já a terceira é institucional, em que as organizações envolvidas (tanto jornalísticas quanto outra com a qual a fonte têm vínculos) configuram uma espécie de segurança na relação. O que for dito individualmente pelo jornalista ou pela fonte estará protegido por essas associações: as instituições jornalísticas funcionam como um respaldo para o que o jornalista diz, e, no caso das fontes, seus relatos estão preservados pelas corporações, pois é como se falassem em nome delas.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros informa em seu Artigo 11º que “o jornalista não pode divulgar informações visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica” (FENAJ, 2007). Fidalgo destaca que o jornalista, no relacionamento com suas fontes, “não deve usar pressão quando o faz, deve deixar claras junto da fonte as suas intenções face a informação que está a recolher, e não deve dar usos indevidos a essa informação” (Fidalgo, 2000, p.324). O mesmo autor aponta que não deve ocorrer o “aproveitamento de situações de fragilidade emocional para obter informações ou opiniões de certas pessoas” (Fidalgo, 2000, p. 330). Outro dever dos jornalistas, que consta no Código de Ética, é manter o sigilo das fontes quando necessário (FENAJ, 2007). No entanto, essa prática não deve ser rotineira, pois “muitas vezes as fontes recorrem ao anonimato para divulgar informações de seu interesse simplesmente para não se responsabilizar por elas” (Almeida, 2010, p. 35).

Marinho (2000) explica que as fontes confiam no trabalho do jornalista e este, por sua vez, confia nos depoimentos dados pelas fontes. No entanto, as fontes não têm acesso ao processo completo de produção de uma notícia, pois, se houver esse alcance, poderiam ocorrer manipulações de seus depoimentos. Já os jornalistas, não conhecem por completo a vida das fontes e as organizações que elas fazem parte, mas creem nos seus testemunhos.

Em contrapartida, segundo Almeida (2010), há um interesse em comum para o qual a relação entre as partes converge, que ocorre em ocasiões nas quais há acontecimentos que ainda não foram desvendados por completo para se tornarem notícia. A implantação de uma nova Lei ou política pública é um bom exemplo dessa situação, pois são casos em que o fato ainda não está totalmente consolidado para se tornar notícia: existem aspectos que ainda estão em processo de conhecimento, tanto para o jornalista quanto para as fontes. A autora aponta que isso ocorre porque os jornalistas buscam compreender pontos desconhecidos de fatos e processos sociais por meio das fontes, e estas, por sua vez, veem nas informações que são fornecidas algo que não apenas trará a elas visibilidade e reconhecimento, mas também maior conhecimento sobre o processo que está sendo explorado.

Por fim, é importante pontuar ainda que se notam certas alterações nessa relação. A era pós-industrial e o advento da internet fizeram com que o jornalismo se tornasse mais imediatista, como destacam Thalita Silva e Victor Gentilli (2019). E, durante o crescimento das grandes mídias digitais, as fontes passaram a publicar seus

depoimentos sem que houvesse mediação jornalística, fazendo com que não dependessem dos profissionais do jornalismo para que suas falas fossem publicizadas. Sendo assim, as fontes começaram a participar do processo noticioso como protagonistas, sem necessariamente precisarem do intermédio dos jornalistas e dos veículos de comunicação para publicarem seus depoimentos.

As fontes de notícias, mais qualificadas profissionalmente, estão se tornando promotores de notícias, interferindo no processo jornalístico de modo que aconteça uma naturalização desse modus operandi no ambiente jornalístico, principalmente em decorrência das dificuldades do trabalho do jornalista, da pressão e do imediatismo na divulgação de matérias (Silva; Gentilli, 2019, p. 16).

Recapitulando, percebe-se que os vínculos existentes entre jornalistas e suas fontes de informação se estabelecem em terreno movediço, pois ambos têm interesses diversos, que estão em jogo no processo de obtenção de informações que se tornarão notícia. Mesmo que existam códigos e diretrizes que norteiam a maneira como devem ocorrer essas relações, é necessário entender que as múltiplas camadas que compõem esses relacionamentos é que interferem na construção da narrativa noticiosa. É o que faremos a seguir, com foco no jornalismo cultural.

O jornalismo cultural

Pesquisadores que se dedicam ao estudo do jornalismo cultural abordam a dificuldade de compreender o tema por sua complexidade. No entanto, eles buscam construir definições amplas, tal como a de Faro (2006, p. 145), que o entende como “a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial pautados por seções, suplementos e revistas especializadas nessa área”. Já Silva e Conceição (2007, p. 13), em busca de conseguir diferenciar esse gênero de todos os outros, compreendem-no como “a abordagem cultural de temas não artísticos e o tratamento dos temas ligado às artes”.

Do ponto de vista histórico, o jornalismo cultural surgiu no Brasil no século XIX, período em que produções artísticas começaram a se disseminar pelo país. No entanto, para entender esse processo, é preciso compreender que no início do século XX ocorreu uma mudança na estrutura do jornalismo em geral: “[...] escritores da imprensa passam a dar maior atenção aos relatos dos fatos para à construção das notícias” (Rigo; Hohlfeldt, 2022, p. 76) do que a opiniões e interpretações.

Antes de acontecer essa modificação existiam poucos noticiários culturais, nos quais articulistas políticos discutiam sobre livros e artes (Rigo; Hohlfeldt, 2022). Foi a partir dessa mudança na forma de estruturação do jornalismo que o campo cultural começou a englobar também entrevistas e reportagens, para que as críticas das obras de artes apresentassem mais complexidade por meio dos relatos de fontes de informação.

Segundo Silva e Conceição (2007), outras transformações puderam ser observadas no jornalismo cultural ao longo do século XX até chegarmos à constituição que ele se apresenta hoje. Nos anos iniciais do século, a música brasileira começou a ser divulgada nas rádios e surgiram também as ilustrações nos espaços dedicados à cultura dos jornais, como forma de entretenimento e também para atrair a população não letrada. Posterior a isso, na década de 60, nascem as reportagens interpretativas, críticas culturais e humor, que permanecem nos cadernos culturais até o período da Ditadura Militar.

Nesse período, e ainda na década de 70, muitas iniciativas culturais foram barradas pelo regime militar, devido à criticidade que apresentavam, o que enfraqueceu esse campo no jornalismo. Em 1980, surgiu a ideia de jornalismo de serviços, ou seja, matérias que englobavam aspectos que facilitavam o dia a dia da população, e isso também chega à programação cultural. Nos anos 90, matérias sobre moda, gastronomia e design são incorporadas nas produções culturais, fazendo com que a gama de assuntos ligados às artes crescesse, e por consequência, trazendo à população uma maior percepção em relação às manifestações artísticas que estavam ao seu redor.

Nos dias atuais, percebe-se grande ampliação e democratização do jornalismo cultural devido à internet, aspectos que estão relacionados com a possibilidade que os meios de comunicação oferecem para qualquer indivíduo expressar e divulgar opiniões com mais facilidade.

Algumas características do contexto atual servem para explicar o perfil do jornalismo cultural recente. A citar, o avanço tecnológico da última década que possibilitou a qualquer pessoa emitir opinião sobre assuntos pautados na grande mídia. Neste aspecto, a internet é o espaço por excelência (Silva; Conceição, 2007, p. 10).

No entanto, a maior problemática do jornalismo cultural atual está relacionada à natureza das suas pautas. Grande parte das notícias sobre cultura são focadas em pautas de agenda, ou seja, “os espaços reservados à cultura tem se dedicado cada vez mais a uma simples exposição do produto/evento em pauta. Tolhendo, desta maneira, a possibilidade de reflexão do leitor” (Silva; Conceição, 2007, p. 2).

Em decorrência da grande presença das pautas de agenda nos cadernos culturais, Cunha e Teixeira (2007) desenvolveram o conceito de lógica do iceberg para falar das produções culturais. De acordo com essa definição, esse gênero jornalístico está, quase sempre, focado em mostrar os produtos culturais, mas raramente noticia como ocorrem os processos para sua obtenção ou construção. Ou seja, da mesma maneira como ocorre em um iceberg, a parte que está em evidência, o que a mídia divulga para o público, são os produtos culturais. Entretanto, outros aspectos que são relevantes no mercado da cultura ficam submersos, isto é, não são problematizados.

Silva e Conceição (2007) levantam mais um aspecto em relação às pautas baseadas nas agendas: se dois eventos culturais ocorrem no mesmo período de tempo, qual é o pré-requisito que os jornalistas devem aplicar para selecionar a notícia de maior destaque? Os veículos de comunicação precisam priorizar a pauta que trará mais lucros financeiros? Esse cenário está diretamente ligado com a indústria cultural.

A indústria cultural é a produção em massa de mercadorias culturais, como filmes, livros e discos. De acordo com Cunha, Teixeira e Magalhães (2002), a fabricação, difusão e consumo das obras artísticas agrupa-se com as notícias, se envolvendo em processos semelhantes. Os artistas e os jornalistas participam do ciclo de criação de um produto artístico em diferentes momentos: o artista produz e o jornalista divulga. Para obterem sucesso, os artistas dependem do seu próprio desempenho para a criação de uma obra, mas também estão reféns dos jornalistas e da maneira como esses profissionais irão mostrá-los na mídia (Cunha; Teixeira; Magalhães, 2002, p. 5).

É partindo dessa lógica que trabalham as indústrias culturais. Golim complementa esse pensamento, expondo que as indústrias, em conjunto com as

agendas culturais, são dois aspectos que guiam o que será noticiado no jornalismo cultural atual.

O jornalismo cultural move-se, em sua maior parte, pela dinâmica do mercado, pela estrutura de lançamentos e distribuição, cedendo à sedução da linguagem publicitária, à limitação dos enunciados, aos processos de generalização e segmentação de públicos e veículos (Golin, 2009, p. 8).

Outra problemática que está ligada com o fazer jornalístico voltado para a cultura são as assessorias de imprensa dos artistas. O que ocorre é que os jornalistas sempre procuram essas assessorias e indústrias, pois elas:

Estimulam cada vez mais o comodismo dos veículos, enviando-lhes um sem número de textos, imagens, declarações e enfoques já devidamente mastigados, pré-editados e, desta forma, definem a agenda das coberturas jornalísticas (Cunha; Teixeira, 2007, p. 42).

Mesmo que as notícias do jornalismo cultural estejam quase sempre concentradas em agendas culturais e guiadas pela indústria do segmento, Golin (2009) destaca que, por vezes, é apenas por meio desses curtos enunciados que determinados sujeitos terão acesso à informação cultural. Em outras palavras, mesmo que a produção seja superficial, é somente por meio dela que a sociedade se informa acerca de eventos e obras artísticas.

As fontes no jornalismo cultural

Nesta etapa da pesquisa, há a intenção de compreender e examinar como as fontes de informação aparecem em coberturas culturais de alguns veículos brasileiros. Para isso, serão analisados artigos de autores que investigaram periódicos culturais específicos e com diferentes abordagens. A autora Thaís Seganfredo (2016) estudou a cobertura jornalística cultural no semanário nacional Brasil de Fato, jornal progressista e alinhado à esquerda. Na análise, ela examinou fontes de informação que eram utilizadas nas matérias de cultura do jornal. A partir disso, a pesquisadora observou que o periódico priorizava os próprios artistas e gestores culturais como fontes para a produção das notícias.

Seganfredo apurou 92 matérias e identificou 162 fontes de informação. Ela percebeu que, nesse número de entrevistados, estavam inclusos “86 artistas, 33 gestores públicos ou organizadores de eventos, 28 pesquisadores da área acadêmica,

8 integrantes do MST e 7 consumidores de cultura” (Seganfredo, 2016, p. 38). Embora houvesse uma variedade de pessoas ouvidas, a autora identificou uma notável discrepância em relação ao gênero das fontes.

Apesar da preocupação em destacar algumas vozes invisibilizadas na área cultural, notamos uma marcante desigualdade de gênero nesta categoria, na medida em que foram ouvidos 119 homens e apenas 43 mulheres, o que representa um percentual de 73,5% contra 23,5%. Em um caso isolado, a desigualdade foi ainda mais visível. Uma resenha (assinada por um repórter homem) sobre textos escritos por mulheres teve como fonte única o organizador da coletânea, do gênero masculino (Seganfredo, 2016, p. 39).

Além disso, em sua análise, ela notou que as notícias do Brasil de Fato estavam focadas em evidenciar obras culturais de pouco acesso do público, como manifestações artísticas das periferias. É por essa lógica que as fontes mais ouvidas foram os artistas, para evidenciar os agentes que estão envolvidos nos métodos de criação das obras. Ela vincula esse processo ao fato de a maior parte das fontes serem do gênero masculino. A autora não explicita as razões para isso ocorrer, mas deixa clara sua crítica. “Um veículo que propõe a descentralização da arte poderia ter como foco também a preocupação com a falta de oportunidades que as mulheres - e, mais ainda, as mulheres negras - possuem nesse meio, assim como em diversos campos” (Seganfredo, 2016, p. 60).

A pesquisa de Martins, Cunha e Pellegrini estudou o caderno de cultura do jornal O Imparcial, chamado Ímpar, localizado na capital maranhense. No período de análise (agosto a outubro de 2018) as principais fontes que compunham as matérias de cultura eram “agentes culturais, como diretor de teatro, de um espetáculo que irá acontecer na cidade, músicos, instrumentalistas, cantores e artistas” (Martins; Cunha; Pellegrini, 2019, p. 13). Outra percepção dos autores foi que o Ímpar utilizava muito como fonte os textos enviados por assessorias de imprensa, chamados releases.

As fontes de release são variadas, formadas por órgãos públicos, principalmente pela Prefeitura [...] As demais fontes são formadas por agentes de artistas e cantores, assessoria de órgãos responsáveis por eventos como bancos e Fundações e também os próprios agentes que mandam releases feitos por eles para o jornal (Martins; Cunha; Pellegrini, 2019, p. 13).

No caso dos agentes culturais, que foram as fontes mais ouvidas pelo Ímpar, suas entrevistas ajudavam a compor o texto do repórter, como pede a estruturação padrão do texto jornalístico. Já os releases não eram publicados na íntegra: trechos

deles apareciam nas reportagens, mas nota-se que os dados recebiam tratamento jornalístico, ou seja, foram checados e completados pelos profissionais. Martins (2018) observou que esse procedimento era realizado devido a uma orientação do editor do jornal.

Golim, Cardoso e Keller (2010) pesquisaram sobre a cobertura cultural do jornal Diário do Sul, de Porto Alegre. Na análise, foram consideradas 559 fontes de informação, que foram reunidas de acordo com a função que elas desempenhavam, agrupadas em: “autor/artista, veículos, público, produtor cultural, críticos, especialistas, proprietários e políticos” (Golim; Cardoso; Keller, 2010, p.139).

Assim como a análise do jornal Brasil de Fato, percebeu-se que, no caso do Diário do Sul, os autores e artistas também foram as fontes que apareceram com maior frequência nas matérias, com uma porcentagem de 37%. A presença desse grupo com mais assiduidade ocorreu, segundo o trabalho, como forma de incentivo para a valorização coletiva dos criadores das obras. Além disso, por serem os criadores dos produtos artísticos, eles aparecem nos textos com o propósito de explicar as obras, transmitindo sentido para as notícias que são apresentadas ao público (Golim; Cardoso; Keller, 2010).

Outras fontes utilizadas pelo Diário do Sul foram os críticos, com uma porcentagem de 7%, e os especialistas, com 4%. Em relação a estes, os autores apontaram que, embora aparentam pertencer ao mesmo grupo, há uma diferenciação entre eles.

O crítico normalmente fala de um lugar autorizado dentro do campo cultural, conquistado por sua legitimidade e ancoragem (permanência) temporal, emitindo uma opinião, avaliando um evento ou obra. O especialista, por sua vez, ocupa função esporádica dentro do mesmo sistema. No jornal, ele aparece como curador de uma exposição, acadêmico ou estudioso, ou seja, alguém que pode opinar de forma eventual, explicar algum acontecimento, contexto ou os motivos que levaram à execução de determinada obra (Golim; Cardoso; Keller, 2010, p. 142).

Por outra perspectiva, Bianka Roloff (2017) realizou um estudo sobre como são noticiadas as megaexposições de artes visuais no Brasil. Para isso, ela buscou notícias em seis veículos de destaque: Estado de Minas, Correio Braziliense, Zero Hora, O Globo, Folha de São Paulo e A Gazeta. De acordo com ela, já que os artistas que são autores das obras expostas haviam morrido, os agentes de produção são os que mais recebem destaque como fontes de informação (Roloff, 2017). Nas palavras da autora,

“quem fornece essas referências e, com isso, guia os trajetos, são as fontes diretamente ligadas à produção do evento” (Roloff, 2017, p. 83).

Dentro do grupo de pessoas que organizam os eventos de artes visuais estão os curadores, que são designados para esclarecer dúvidas em relação à montagem das exposições. Além disso, esses profissionais também são os responsáveis por interpretar o pensamento dos artistas. Eles pretendem “traduzir, sem deixar qualquer espaço para dúvida, o pensamento e as intenções dos artistas ao criarem suas obras, contribuindo para a criação de consensos” (Rolof, 2017, p. 83).

Buscando entender como se davam as representações artísticas na TV, Sofia Guilherme examinou reportagens culturais dos principais jornais da televisão aberta no ano de 2012. Ela notou que as reportagens não utilizavam, em primeiro lugar, as fontes institucionais e os produtores, mas sim o público que estava presente nas produções artísticas (Guilherme, 2015), o que difere do que temos visto nos trabalhos analisados até o momento. “As fontes de informação mais utilizadas pelas reportagens culturais são as não institucionais externas à mídia, especialmente testemunhas que compõe o público das produções tratadas em cada reportagem” (Guilherme, 2015, p. 11).

Além disso, o grau de conhecimento do público que havia sido entrevistado sobre o elemento artístico em questão era pouco, destacando que qualquer pessoa é digna de apreciar obras de arte. “Nas fontes testemunhais que representam o público das produções artísticas, as profissões são variadas e o nível de conhecimento prévio sobre aquela produção é baixo, para mostrar que qualquer um pode apreciar a obra” (Guilherme, 2015, p. 12).

Em resumo, exceto pelas reportagens televisivas analisadas por Guilherme, todos os jornais e coberturas que foram considerados pelos autores, traziam os artistas e produtores culturais como principal fonte de informação nas matérias de cultura. Esse fator pode ser considerado positivo na cobertura, tendo em vista que suas vozes aproximam o leitor ou espectador do processo de criação cultural – ainda que a cobertura seja marcada pela agenda. O público foi a fonte mais utilizada apenas nas reportagens televisivas, no entanto, percebe-se que esses depoimentos fazem falta nos periódicos impressos, pois a opinião dos consumidores traria para as notícias uma visão externa à de quem participa ativamente das produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do método da revisão bibliográfica, o objetivo desta pesquisa foi entender como se dão as relações entre jornalistas e fontes de informações por eles utilizadas para a elaboração de notícias do segmento cultural. Para isso, o primeiro tema estudado foi o papel das fontes na construção do jornalismo de maneira geral. Num segundo momento, compreendemos mais a fundo o conceito de jornalismo cultural e como ele opera no Brasil. Por fim, abordou-se a utilização das fontes em alguns casos específicos do jornalismo cultural.

Em uma primeira análise, foi possível perceber que a relação dos jornalistas com as fontes é marcada por situações extraprofissionais. Como visto anteriormente, o jornalista pode acabar criando laços de afetividade com as fontes ou, por outro lado, pode manipular suas fragilidades e interesses pessoais. Já as fontes, pretendem ganhar visibilidade por meio de suas falas, e por isso podem modificar seus próprios depoimentos para conseguirem se popularizar na mídia. Esses aspectos ficaram mais evidentes com o advento da internet, fator que fez com que as fontes não necessitassem da mediação dos profissionais da área para publicarem seus testemunhos. A busca por essa visibilidade ressalta os interesses desses agentes sociais.

Em um segundo momento, buscamos entender o conceito de jornalismo cultural traçando seu panorama histórico no Brasil, para assim compreender como são as pautas desse segmento. Observamos que as notícias culturais brasileiras estão diretamente ligadas com as agendas culturais, ou seja, a divulgação de obras e eventos artísticos que acontecerão nos próximos dias e semanas, sem que haja necessariamente um aprofundamento no processo artístico de cada um desses produtos culturais. Nessas notícias pouco se fala dos métodos de criação dos produtos: o grande foco está no factual e no resultado final, demonstrando superficialidade.

Para compreender com mais profundidade vários desses aspectos, observamos por meio de outros trabalhos acadêmicos que fontes de informação estavam mais presentes nas matérias sobre cultura de determinados veículos. Foi possível perceber que as fontes mais ouvidas pelos jornalistas dos periódicos em

questão foram os próprios artistas ou produtores culturais. Os releases das assessorias de imprensa e o público-alvo dos eventos e obras apareceram em segundo lugar.

Em resumo, como as fontes são sujeitos essenciais para o trabalho dos jornalistas, é indispensável a presença de seus depoimentos nas notícias. Pensando no caso do jornalismo cultural brasileiro, que traz pautas baseadas em agendas, a tendência é que as fontes selecionadas para dar entrevistas sejam sempre as mesmas (nesse caso, artistas e produtores majoritariamente), facilitando assim a consolidação de relacionamentos de conveniência entre as partes envolvidas. Nesse sentido, entende-se que a cobertura cultural realiza um trabalho relevante ao ouvir os agentes envolvidos com os processos culturais, ainda que as pautas sejam bastante focadas na agenda de eventos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Barbara. Casamento de conveniência: a relação entre fontes e jornalistas. **Comunicação & Informação**, v. 13, n. 2, p. 30-40. jul./dez. 2010

ARAÚJO, Nelma; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n.1, 2015.

BASSO, Eliane. Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2006.

CUNHA, Leonardo; FERREIRA, Nísio; MAGALHÃES, Luis Henrique. Dilemas do jornalismo cultural brasileiro. **Temas: Ensaios de Comunicação**, Belo Horizonte/MG, v.1, n. 1, p. 2-19, ago.-dez. 2002

CUNHA, Leonardo; TEIXEIRA, Nísio. O jornalismo cultural e a lógica do iceberg. **Mediação**, Belo Horizonte/MG, n. 6, p. 37-54, 1º semestre de 2007

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre jornalismo cultural. **Comunicação e Sociedade**, v. 28, n. 46, 2006, p. 144-163.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**, 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 24 maio 2023.

FIDALGO, Joaquim. A questão das fontes nos códigos deontológicos dos jornalistas. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, vol. 14 (1-2), 2000, p. 319-337.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: AZZOLINO, Adriana; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane; et al. **Sete Propostas para o Jornalismo Cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, 2009, p. 23-38.

GOLIN, Cida.; CARDOSO, Everton.; KELLER, Sara; et al. Jornalismo e sistema cultural: a identidade das fontes na cobertura de cultura do jornal Diário do Sul (Porto Alegre, 1986-1988). **Comunicação & Sociedade**, ano 32, n. 54, p. 127-147, jul./dez. 2010.

GUILHERME, Sofia. Representações da Arte em Reportagens Televisivas: o lugar do jornalismo cultural. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 20., 2015, Uberlândia. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2015.

MARINHO, Sandra. O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, vol. 14 (1-2), 2000, p. 351-356.

MARTINS, Josenilde; CUNHA, Rafael; PELLEGRINI, Paulo; et al. O Jornalismo Cultural no Jornal O Imparcial. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. **Anais [...]** São Luís: Intercom, 2019.

RIGO, Larissa; HOHLFELDT, Antonio. Suplementos literários ou cadernos de cultura? Um panorama histórico do Jornalismo Cultural. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 73-91, jan./jun. 2022.

ROLOFF, Bianca. **Jornalismo cultural e megaexposições de artes visuais no Brasil (2010-2016)**: mapa de um acontecimento espetacular. Orientador: Cida Golin. Dissertação (Pós-graduação) – Comunicação e Informação, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

SEGANFREDO, Thais. **Uma outra cultura é possível: o jornalismo cultural alternativo do Brasil de Fato**. Orientador: Aline do Amaral Garcia Strelow. Monografia (Graduação) – Habilitação em Jornalismo, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Thalita; GENTILLI, Victor. As fontes de notícias enquanto promotores de notícias: como a estrutura fluida pós-industrial do trabalho jornalístico permitiu que isso acontecesse. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v.18, n.01, p. 6-19, jan.-jun. 2019.

SILVA, Andréia; CONCEIÇÃO, Francisco. Jornalismo Cultural: em busca de um conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 30. 2007, Santos. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2007.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 52-61.

TEIXEIRA, Alberto. **Jornalistas e fontes de informação: uma relação de luta e de confiança**. 2009. Tese (Mestrado) – Universidade do Minho, Braga, 2009.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO FACULDADE
DE JORNALISMO**

MARCELA ALVES PEIXOTO

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**REPORTAGEM ESPECIAL TELEVISIVA:
CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIA SOCIAL DO GÊNERO
NO BRASIL**

**CAMPINAS
2023**

MARCELA ALVES PEIXOTO

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**REPORTAGEM ESPECIAL TELEVISIVA: CARACTERÍSTICAS
E INFLUÊNCIA SOCIAL DO GÊNERO NO BRASIL**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo da PUC- Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação da Prof^a. Juliana Doretto

**PUC- CAMPINAS
2023**

INTRODUÇÃO

O principal objetivo do jornalismo, segundo Stéphanie Garcia Pires (2009), é ajudar a população a compreender a realidade vivida por nossa sociedade. O jornalismo permite que cada indivíduo possa, além de tomar as suas próprias decisões, participar ativamente da comunidade em que vive. “É consumindo informações em comum que as pessoas tentam se manter atualizadas com todas as mudanças na sociedade, a fim de não perderem a referência, a sensação de fazer parte do grupo” (Pires, 2009, p. 9).

Assim, toda produção jornalística deve construir uma narrativa clara e chamativa para seus leitores, ouvintes ou telespectadores. Para que a função social das notícias seja cumprida, Mary Hograth (2019, apud Bedei, 2022) afirma ainda que o conteúdo jornalístico, além de apresentar um valor informativo, deve também “engajar sua audiência”. De acordo com a autora, esse engajamento implica que essas produções, além de conquistar a atenção do público, devem também instigar a sociedade para debater a narrativa jornalística apresentada. Já a jornalista e autora Christiana Bedei (2022) diz que uma forma de apresentar uma notícia para além de “informar, inspirar e entreter os leitores”, mas também de os ajudar a “responder questões sobre o que está acontecendo no mundo”, está na produção de uma grande reportagem.

De acordo com os autores Géshica Rodrigues, Iago Porfírio e Marcos Paulo da Silva (2016, p.3), uma reportagem especial tem características próprias, como a “predominância da forma narrativa, a humanização do relato e a objetividade dos fatos narrados”. Para eles, são esses atributos em conjunto que garantem o principal objetivo desse conteúdo: além de informar, uma reportagem especial contextualiza e fornece um conhecimento aprofundado para o público.

Nesse cenário, é preciso compreender ainda que a sociedade brasileira é grande consumidora de informações no formato de vídeo. Segundo o instituto Kantar Ibope Media, os conteúdos neste formato alcançaram 99,6% da população brasileira no ano de 2022⁶. Mesmo com a chegada dos celulares e das redes sociais, grande parte da

⁶ Disponível em:
<https://kantariopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiros/>.
Acesso em 17 set. 2023

população ainda prefere os aparelhos televisivos para consumir os conteúdos audiovisuais desejados. Uma pesquisa realizada pela empresa Hibou no começo deste ano (2023), com foco em informações do mercado de consumo, constatou que 92% dos entrevistados consideram a TV como sua “tela preferida”. Nesse mesmo levantamento, 59% dos entrevistados consideram os telejornais ou produtos jornalísticos como seu gênero predileto⁷. Assim, entende-se que as grandes reportagens exibidas nos canais de TV brasileiro têm grande potencial para atingir um considerável número de pessoas e, em função disso, podem provocar discussões sociais relevantes.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa individual é compreender as principais características do gênero grande reportagem televisiva contemporânea, de modo a também entender as influências sociais dessa produção jornalística em nossa sociedade, por meio dos debates propostos por elas.

Para compreender de maneira detalhada o tema abordado, esta pesquisa será dividida em três tópicos. Primeiramente, a produção jornalística audiovisual será analisada, com base em suas características e formas de produção no Brasil. Depois, o texto aprofundará especificamente o gênero grande reportagem televisiva, entendendo suas definições, nas visões de diferentes autores, e também estabelecendo a diferença entre esse formato e reportagens comuns do cotidiano. Por fim, com base em trabalhos acadêmicos já existentes, articularemos análises de alguns exemplos de reportagens especiais televisivas produzidas no Brasil. Assim, será possível compreender a influência da grande reportagem no cenário nacional e na contemporaneidade.

METODOLOGIA

A produção de uma pesquisa bibliográfica é descrita pela autora Regina Stumpf (2010) como o “planejamento global inicial” de qualquer trabalho no campo acadêmico.

⁷ Disponível em:

<https://telaviva.com.br/03/02/2023/mais-de-90-dos-brasileiros-ainda-preferem-a-televisao-para-acessar-aos-conteudos-de-interesse/>.

Acesso em: 16 set. 2023

Este processo inclui, de acordo com Stumpf, desde a localização de textos e artigos pertinentes ao tema trabalhado até a leitura e fichamento das obras selecionadas.

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (Stumpf, 2010, p. 51).

Já para Angélica de Sousa, Guilherme de Oliveira e Laís Alves (2021, p. 67), a pesquisa bibliográfica consiste na leitura e no estudo de textos já publicados que “contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa”. Para isso, de acordo com os autores, deve-se usar como base livros, teses, artigos e outros textos que atestam a importância do tema estudado. Assim, os autores acreditam que a pesquisa bibliográfica é um passo fundamental para compreender se é “interessante desenvolver a pesquisa sobre o assunto selecionado” (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p. 68).

Nesse sentido, para descobrir se o tópico estudado é pertinente, de acordo com os autores, é necessário estudar as conclusões dos textos acadêmicos selecionados e encontrar não apenas a resposta para o problema levantado, mas também outras revelações que o pesquisador considerar importantes e que agregam valor ao propósito inicial do trabalho.

De acordo com Stumpf (2010), o processo de pesquisa bibliográfica deve ser dividido em quatro etapas: identificação do tema e assuntos, seleção das fontes, localização e obtenção do material e, por fim, a leitura e transcrição dos dados. Para escolher o tema desta pesquisa, foi tomado como base o formato escolhido para o Projeto Experimental em grupo. Ao abordar o tema das aulas de ballet clássico e a importância dessa dança na vida de jovens da periferia campineira, a modalidade da reportagem especial foi escolhida para a construção da narrativa jornalística, já que a combinação de imagem e som seriam essenciais para representar a magnitude do tema abordado. Por essa razão, a temática escolhida para esta pesquisa foi a grande reportagem na televisão, e suas implicações no jornalismo e para a sociedade brasileira.

Na segunda e na terceira etapa do projeto, iniciamos a busca por textos acadêmicos pertinentes ao tema da nossa pesquisa. Nessa fase de produção, Stumpf (2011, p. 55) afirma que os estudantes e pesquisadores devem estabelecer uma “estratégia de busca”, como a utilização de palavras-chaves para encontrar os documentos desejados. Essa procura foi realizada dentro do Google Acadêmico⁸, uma fonte confiável para esse tipo de conteúdo.

Palavras-chaves como audiovisual, jornalismo no Brasil, reportagem especial e gêneros de produção audiovisual foram utilizadas para encontrar textos interessantes para esta pesquisa. Mais de 10 textos foram inicialmente escolhidos para compor as referências bibliográficas do projeto.

Por fim, se inicia a última etapa proposta pela autora: a leitura e a transcrição dos dados obtidos. A autora indica que, ao final de toda leitura realizada, o aluno deve anotar informações sobre a ficha técnica do texto (como título, autor, editora e ano de publicação) e também as informações e posicionamentos que considerar relevantes para a própria pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Produção jornalística televisiva na contemporaneidade

Para debater a produção do gênero jornalismo audiovisual televisivo no Brasil, é importante entender a trajetória desse modelo de produção no país. Essa produção teve sua ascensão a partir da década de 60, na qual a televisão se tornou o principal veículo de notícias do Brasil. De acordo com Cínthia de Souza e Vanessa dos Santos (2011), as produções audiovisuais eram inicialmente limitadas, já que “nem mesmo a linguagem e formato exigidos pela nova produção eram conhecidos” (Souza; Santos, 2011. P. 2). Ou seja, precedido pelo jornalismo radiofônico, o jornalismo audiovisual permitiu a sua audiência uma experiência de não apenas ouvir, mas agora também ver as notícias, como afirmam as autoras, mas essa linguagem ainda estava em construção no início da sua operação dentro da TV.

⁸ Mecanismo de pesquisa que reúne artigos, teses, dissertações e outros formatos de pesquisa acadêmica.

Raquel Longhi (2014), ao falar das obras audiovisuais de maneira geral, diz que elas, em sua grande maioria, têm por objetivo gerar um leque variado de sensações e sentimentos em seus telespectadores. O conjunto de imagens, sons e efeitos visuais causam um impacto diferente em cada pessoa que vivencia essa produção. Desse modo, no jornalismo audiovisual, não é possível analisar cada um de seus componentes de forma separada. As entrevistas, a passagem do jornalista e todos os efeitos sonoros, como músicas e sons, atuam em conjunto e devem ser considerados uma “única unidade”, como afirma Longhi (2014, p. 73).

Com a utilização de imagens no jornalismo, percebe-se que os elementos visuais não podem ser “classificados em um dicionário”, afirma Beatriz Becker (2012), em sua pesquisa sobre as narrativas do jornalismo audiovisual. Para a autora, as imagens produzidas têm cores, movimentos e enquadramentos únicos, que seriam diferentes em outras seleções visuais; por isso, ela considera difícil encontrar uma única descrição para esses aspectos das produções.

Se os discursos verbais geralmente desenrolam-se ao longo de uma linha temporal, as imagens são constituídas através do olhar em determinados espaços de representação visual, não seguem por isso uma linha de orientação lógica e cronológica. Permitem, assim, uma multiplicidade de pontos de vista, em função de escolhas singulares (Becker, 2012, p.239).

Com o surgimento de novas tecnologias e redes de comunicação, a produção do jornalismo audiovisual é afetada diretamente, afirma Laura Hernandez (2021). De acordo com a autora, com o processo da globalização e a chegada do mundo digitalizado, por meio de aparelhos eletrônicos e da internet, “quebram-se as barreiras de espaço e tempo” (Hernandez, 2021, p. 411), já que com apenas um clique é possível acessar qualquer conteúdo, em qualquer lugar do mundo.

Além do fácil acesso aos conteúdos produzidos, os celulares e as redes sociais permitem que os telespectadores do jornalismo participem ativamente da produção audiovisual, como pontua Leonardo Menezes (2012). De acordo com o autor, antes do surgimento da internet, a participação do público era limitada a cartas e ligações para as redações dos jornais. No entanto, Beatriz Becker (2012) diz que, com a chegada desses novos dispositivos eletrônicos, os telespectadores agora podem contribuir com a produção noticiosa não apenas com comentários e sugestões, mas também com as suas próprias gravações.

[...] as plataformas digitais não vieram para derrubar ou substituir as formas tradicionais de se fazer jornalismo, mas, sim, para ampliar o universo de possibilidades para os profissionais da área - incluindo também novos formatos de se reportar uma notícia ou informação, abrindo espaço para um cruzamento proveitoso entre diversas áreas da comunicação visual, como o cinema, a fotografia, o design, etc (Hernandez, 2021, p.13).

Além dessa imersão do público na produção jornalística, os novos meios de comunicação permitem também uma maior “facilidade de circulação destes produtos em múltiplas plataformas, principalmente no ambiente digital” (Menezes, 2012, p.120). Hernandez (2021) também mostra, em seu artigo “Jornalismo Audiovisual nos tempos da globalização da cultura”, como o avanço das tecnologias facilita a divulgação desses conteúdos, já que essa propagação agora passa a ocorrer em diversas plataformas e dispositivos de forma simultânea. Ou seja, as várias redes sociais disponíveis na atualidade permitem que cada usuário compartilhe o conteúdo desejado com seus amigos e seguidores, garantindo assim que esse conteúdo seja amplamente visualizado.

Com as colocações de todos os autores aqui analisados, é possível perceber que o jornalismo audiovisual teve sua popularização no Brasil com o surgimento das televisões no país. Suas formas de produção, apesar de terem sido inicialmente relacionadas com o jornalismo produzido nas rádios, apresentam como principais características os elementos visuais, anteriormente pouco utilizados no jornalismo. Além disso, todos os elementos dessa produção devem sempre ser analisados em conjunto, já que a união entre imagem e som permite a “multiplicidade de pontos de vista” sobre um mesmo assunto apresentado na produção jornalística, como afirma Becker (2012, p. 239). Por fim, a chegada das redes sociais não deve ser vista como um empecilho para o jornalismo audiovisual, mas sim uma grande aliada tanto na produção desses conteúdos quanto na sua divulgação.

As características do gênero grande reportagem na TV

De acordo com Egler Müller (2012), as produções jornalísticas podem ser divididas em três diferentes categorias: jornalismo informativo, jornalismo opinativo e jornalismo interpretativo. No jornalismo audiovisual, a autora inclui na categoria de jornalismo

interpretativo as produções mais complexas, que exigem maior trabalho dos profissionais envolvidos: os documentários e as grandes reportagens audiovisuais.

Para as autoras Juliana Bacan Zani e Luzia Bueno (2014, p. 632), o gênero grande reportagem produzida para a TV consiste na “composição sob a forma de um vídeo ou filme, com uma série de informações relativas a um acontecimento ou fenômeno da sociedade”. Além disso, elas também afirmam que o formato deve abordar um mesmo tema sob diferentes perspectivas, para que assim os telespectadores conheçam “todas as facetas” daquele assunto e possam tirar as suas próprias conclusões sobre o tópico apresentado.

A importância das diferentes perspectivas em uma grande reportagem na televisão também é abordada por José Augusto Mendes Lobato (2018). Para o autor, como forma de expressão do jornalismo interpretativo, algumas características da reportagem especial, como a humanização dos fatos apresentados e a construção da narrativa de forma dramática, permitem que seus telespectadores coloquem aquilo que é tomado como verdade em perspectiva, já que assim podem analisar e “problematizar” o conteúdo jornalístico a partir das informações e aspas dos entrevistados.

[...] a grande reportagem, cujas marcas incluem a ampliação espaço-temporal do fato narrado; a humanização ou singularização, com personagens e histórias de vida; o reforço testemunhal, com maior figuração do jornalista no relato; a construção dramática das cenas; e o uso de técnicas de ficcionalização (Lobato, 2018, p.146).

Apesar de seus processos produtivos serem muito parecidos, a principal diferença entre uma reportagem comum e uma reportagem especial, para a autora Tatiane Carvalho, é o cuidado e capricho não apenas com as informações coletadas, mas também na forma como o tema é apresentado para o público. Como exemplos desses aspectos está o enquadramento das câmeras, com enfoque não apenas no rosto do entrevistado, mas também em seus gestos corporais; o diálogo com as fontes, de forma a ouvi-las e permitir que transmitam seus sentimentos; e os efeitos utilizados na pós-produção, como a iluminação que enfatiza a complexidade do assunto ou a trilha sonora que, não apenas preenche o silêncio, mas complementa as falas e cenas apresentadas. Para a autora, essas são “características primordiais de uma reportagem especial de qualidade” (2023).

Tatiane Carvalho (2023, p. 14) aponta também outra diferença entre as reportagens televisivas do dia a dia e uma reportagem especial: o tempo dedicado na

produção. Enquanto uma reportagem cotidiana relata acontecimentos factuais, coletados e apresentados em sua grande maioria no mesmo dia, as grandes reportagens apresentam um “maior aprofundamento do assunto”, além de contar também com mais dias de gravações externas e edições, afirma a autora.

É importante entender que, a maioria das grandes reportagens são objeto de muito estudo prévio, com checagem e apuração dos possíveis cases, tentativas incansáveis de fontes, horas e horas de gravações, e depois disso, horas ou dias de decupagens, edições e finalizações (Carvalho, 2023, p. 8).

A grande reportagem televisiva, assim como as demais produções jornalísticas, pode nascer a partir de um assunto pontual (às vezes sendo esse um evento trágico), mas também pode ser encontrada em temas recorrentes no cotidiano, mas de relevância para a sociedade. No entanto, a maior preocupação dos jornalistas ao produzir uma grande reportagem está na inovação. Os telespectadores de uma reportagem especial não devem ter a sensação de que já escutaram sobre aquele assunto antes. Ou seja, apesar de estar relacionada com o dia a dia da população, o principal desafio dos jornalistas na produção deste gênero “é tornar o que todos já viram em algo surpreendente”, também afirma Tatiane Carvalho (2023, p. 11).

Apesar da inspiração para uma reportagem especial estar ligada diretamente com os acontecimentos atuais na sociedade, sua produção vai muito além dos assuntos discutidos apenas nos dias de hoje. Para Lobato (2016, p. 6), as grandes reportagens televisivas “abrem a oportunidade para que seus temas sejam relacionados com temas passados” e, simultaneamente, permitem a discussão para assuntos futuros.

A narrativa jornalística, além de registrar a atualidade, busca servir como locus de acesso à memória e a registros historiográficos que permitem a compreensão do tempo presente e, ao mesmo tempo, sua conexão com eventos passados e suas potenciais consequências futuras, em um esforço contextual que ganha diferentes níveis de profundidade, de acordo com o formato adotado (Lobato, 2016, p. 6).

Dessa forma, o conceito de grande reportagem dentro do mundo audiovisual pode ser definido de forma simples em: uma produção que utiliza dos elementos visuais e sonoros para construir uma narrativa jornalística. Esses elementos e a perspectiva do próprio jornalista devem ser utilizados para apresentar um tema atemporal e pertinente aos

cotidianos de seus telespectadores. Sua duração estendida e os relatos mais longos dos entrevistados permitem que o público analise muitos aspectos da realidade com maior profundidade e, assim, tirem as suas próprias conclusões.

A reportagem especial televisiva no Brasil e o cenário social

De acordo com a autora Brunella Ferreira (2010), a televisão tem algumas vantagens em relação aos outros meios de comunicação. Ela apresenta imagens, ao contrário da rádio, e por isso também é considerada por ela mais democrática do que o jornal impresso, já que esse conteúdo também é acessível para aqueles que não sabem ler. Assim, as características desse novo meio de comunicação, segundo ela, tornam a TV acessível para qualquer classe brasileira.

Com a presença da televisão em grande parte das residências brasileiras, Beatriz Becker (2016) destaca ainda a influência desse veículo de comunicação no país. De acordo com a professora, a TV é a grande responsável pela “disseminação do conhecimento no espaço e no tempo, em distintos contextos históricos e culturais” (Becker, 2016, p. 105). Ou seja, como muitas pessoas têm acesso ao conteúdo jornalístico apresentado nas televisões, esse aparelho eletrônico é um dos grandes responsáveis por modelar a percepção da realidade dos indivíduos, e assim, influenciar as decisões e os posicionamentos dos brasileiros.

Com o surgimento do gênero grande reportagem nos canais de televisão brasileiros, muitos autores passaram a estudar as possíveis consequências dessas produções na vida dos telespectadores. José Augusto Mendes Lobato (2017), por exemplo, analisou 16 grandes reportagens produzidas pelo Globo Repórter entre os anos de 2011 e 2014, que tratam sobre a cultura de diversos países. O autor afirma que, nessas produções da Globo, é possível perceber um conflito ao falar sobre o outro e sobre a experiência do repórter em ter contato com um universo tão diferente do seu.

Ele entende que essas gravações estabelecem um choque entre o jornalista e o povo por ele retratado, com elementos narrativos que levam à dramatização. O autor percebe assim que os programas estudados partem de uma mesma premissa: a “construção de um conflito ou intriga, composição dramática, articulação de

personagens e demarcação de polos opostos” (Lobato, 2017, p. 259). No entanto, para ele, o principal objetivo com a construção desse “embate” é despertar não apenas a curiosidade do público, mas também estimular a empatia com as diferentes culturas e tradições encontradas em outros países, pois a reportagem acaba em tom conciliador.

Para o autor, essas produções jornalísticas são essenciais para viver um processo de alteridade, na qual nos colocamos no lugar do outro. Além disso, as grandes reportagens por ele estudadas auxiliam na compreensão de que existem outras culturas e costumes, que devem sempre ser respeitados.

[...] as narrativas de alteridade têm dupla atribuição: tempo em que nos apresentam um olhar que leva ao (re)conhecimento, resignificando as possibilidades de vivência e experiências de mundo, contribuem para a conformação do sujeito, ao oferecer-lhe elementos da diferença cultural que permitem a formação das fronteiras simbólicas essenciais à identidade (Lobato, 2017, p. 61-62).

A reportagem especial “Mulheres Violentadas”, veiculada pelo programa Repórter Record Investigação em 2021, foi analisada por Bianca Souza de Silva no ano seguinte (2022). A autora aponta que, no decorrer dos episódios, as fontes entrevistadas transmitiam em suas falas medo, raiva, angústia e desgosto. Essas características são percebidas, de acordo com ela, não apenas pelo que é dito, mas também pelo tom de voz, pelas expressões faciais e pela movimentação do corpo durante as entrevistas. A exposição dos sentimentos dessas fontes, de acordo com Bianca Souza, mostra a vulnerabilidade das entrevistadas, gerando no público o sentimento de empatia e destacando o processo de alteridade, como apresentado por Lobato (2017) anteriormente.

A humanização na narrativa prioriza um jornalismo realizado com vidas e privilegia a busca de múltiplas vozes e olhares. Não busca disseminar preconceitos, mas compartilha sentidos, valores universais. Por esse motivo é de fundamental importância que a humanização na narrativa esteja a frente [...] para reportar essas histórias vividas pelas personagens na grande reportagem (Silva, 2022, p. 10).

Já Isabela Rodrigues da Nóbrega (2018), a partir da análise dos programas produzidos pelo Câmera Record, “Em carvoarias: A Amazônia em chamas” e “Mapa da Fome no Brasil”, ressalta a importância da grande reportagem no jornalismo audiovisual, tendo em vista que esse formato é um dos grandes responsáveis por “dar

voz a quem não tem” (Nóbrega, 2018, p. 49) e também expor uma realidade que muitas vezes não é notada, e por isso merecia mais atenção.

O bom jornalismo tem que mostrar os problemas que são sociais e de interesse público. Por mais que as pessoas mostradas nas reportagens não tenham condições nem conhecimento para pedir ajuda, elas existem e precisam de auxílio. São cidades que fazem parte do Brasil, um país que tem como problema maior a desigualdade social. E não há como ignorar isso (Nóbrega, 2018, p. 49).

Para Marli dos Santos (2009, p. 26), uma das técnicas mais usadas nas grandes reportagens televisivas é a “entrevista de compreensão”, que diz que o jornalista nunca deve se prender em roteiros, pois a riqueza informativa e visual está na “sutileza dos gestos, no tom de voz, nas expressões e revelações espontâneas que surgem conforme a conversa vai avançando”. Dessa forma, ela acredita que o que torna uma reportagem especial tão relevante e impactante para a sociedade são as histórias de vida contadas: os personagens do cotidiano se tornam “épicos” pelos seus sofrimentos, mas também pelas suas alegrias. E essas histórias geram nos telespectadores um sentimento de identificação e proximidade, de acordo com a autora.

Em síntese, entendemos que as grandes reportagens em vídeo permitem que pequenos detalhes, como o comportamento físico e a entonação nas falas apresentadas, transmitam vários sentimentos vivenciados pelos entrevistados. A exibição de relatos tão densos e pessoais, em ambientes igualmente explorados, provoca a prática de empatia com o próximo e desenvolve a alteridade, ou seja, o colocar-se no lugar do outro. Assim, é possível concluir então que essas narrativas audiovisuais produzidas para a televisão brasileira podem promover e influenciar mudanças sociais, por meio de, por exemplo, a conscientização de temas relevantes e a preocupação com outros indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica realizada, o principal objetivo desta pesquisa foi analisar as características do gênero reportagem especial quando produzido para a televisão contemporânea. Além disso, o estudo visava encontrar possíveis influências dessa produção na vida dos brasileiros.

Foi possível concluir a importância da televisão como meio de comunicação, já que ela se consolida como um veículo bastante consumido no país, atingindo um grande número de telespectadores. Além de cobrir matérias do cotidiano, a TV também permite a produção de reportagens especiais, cuja construção narrativa se mostra mais complexa e imersiva, abordando temas em sua grande maioria atemporais e relevantes. As ideias trazidas pelos autores analisados permitiram concluir ainda que as grandes reportagens televisivas têm produção mais complexa, já que precisam de mais tempo tanto nas gravações e entrevistas quanto nos dias de edição. Além disso, o seu maior aprofundamento no tema escolhido garante ao telespectador uma produção jornalística em geral inovadora.

Por fim, trabalhos acadêmicos realizados por outros pesquisadores foram utilizados para entender melhor a importância das grandes reportagens televisivas na sociedade. Como as televisões estão presentes em grande parte das casas brasileiras, esse conteúdo permite a divulgação de temas relevantes para sociedade, além de desenvolver a empatia e a alteridade no público-alvo.

Programas como Globo Repórter e Câmera Record podem ser utilizados como exemplos de reportagens especiais que impactam a sociedade brasileira. Essas produções utilizam da sua grande influência dentro da sociedade para debater temas de interesse. Por meio de histórias de vida impactantes e narrativas mais lentas, essas reportagens ampliam a voz daqueles que pouco são evidenciados na sociedade.

Em adição, foi possível concluir que a chegada das redes sociais não deve ser vista como uma “concorrente” das televisões nessa missão de informar a população brasileira, mas sim uma aliada tanto na produção do jornalismo audiovisual quanto na sua divulgação em massa dentro da internet.

Em suma, é possível concluir que as grandes reportagens televisivas funcionam como mecanismo para a população brasileira se “conhecer” e se entender como sociedade também no contato com outros povos. Compreender um pouco mais sobre a realidade enfrentada pelo país, analisar as diferenças culturais e debater temas socio-urgentes (como a violência doméstica ou a fome) permitem que cada indivíduo conheça seus direitos e participe ativamente na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, B. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, jan. - jun. 2012.

BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BEDEI, C. Como elaborar uma reportagem especial. **Ijnet**, 22 set. 2022. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/como-elaborar-reportagem-especial>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CARVALHO, T. **Por trás das lentes**: os bastidores de uma grande reportagem. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2023.

CONTEÚDO em vídeo alcança 99,9% dos brasileiros. **Kantar Ibope Media**, 7 mar. 2023. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/conteudo-em-video-alcanca-996-dos-brasileiro-s/>. Acesso em: 17. set. 2023.

FERREIRA, B. M. **Viagem pela grande reportagem televisiva**: o desafio do jornalismo investigativo da Rede Globo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2010.

HERNANDEZ, L. Jornalismo audiovisual nos tempos da globalização da cultura. **Cine-Fórum**, Campo Grande, 3., 2021.

LOBATO, J. A. M. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem**: um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LOBATO, J. A. M. Da crônica à grande reportagem, da biografia ao perfil: mapeando contribuições estruturais da literatura ao jornalismo interpretativo. **Revista ALCEU**, v.18, n.36, jan. -jun. 2018.

LOBATO, J. A. M. Jornalismo e narratividade em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2016.

LONGHI, R. R. O audiovisual como gênero expressivo e sua reconfiguração no jornalismo online – **Estudos da Comunicação**, n. 16, jun. 2014.

MAIS de 90% dos brasileiros ainda preferem a televisão para acessar aos conteúdos de interesse. **Tela Viva**. Disponível em: <https://telaviva.com.br/03/02/2023/mais-de-90-dos-brasileiros-ainda-preferem-a-televisa-o-para-acessar-aos-conteudos-de-interesse/>. Acesso em: 16. Set. 2023.

MENEZES, L. "OUTRO OLHAR" Notas Sobre o Jornalismo Audiovisual e Participativo na TV Pública. **Revista Cambiassu**, n.10, jan.–jun. 2012.

MÜLLER, E. Jornalismo audiovisual: da tela da TV para outras telas. **Revista Alterjor**, v.2, n. 6, jul. -dez. 2012.

NÓBREGA, I. R. **Grande reportagem na TV**: análise de conteúdo do programa Câmera Record. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

PIRES, S. G. **A mutação do jornalismo**: evolução na produção e no consumo de informação até se chegar à notícia pelo celular. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, G.; PORFÍRO, I.; SILVA, M. P. A grande reportagem no tratamento de temas socialmente urgentes: uma análise da reportagem Ceasa: trabalho infantojuvenil sob os olhos da sociedade. **Revista Comunicação Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 6, set. – 2016.

SANTOS, M. Histórias de vida na grande reportagem: um encontro entre jornalismo e história oral. **Comunicação & Informação**, v.12, n.2, jul. – dez. 2009.

SILVA, B. S. **A humanização no jornalismo a partir do storytelling**: uma análise narrativa da grande reportagem "Agricultoras violentadas". Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Centro Universitário Internacional UNINTER, Rio de Janeiro, 2022.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: pesquisa e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n.43, 2021.

SOUZA, C. C.; SANTOS, V. M. A evolução do telejornalismo no Brasil: das locuções radiofônicas às grandes reportagens. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2011, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2011.

STUMPF, I. R. Pesquisa Bibliográfica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

ZANI, L.; BUENO, J. B. O gênero grande reportagem: uma análise possibilitada pelo diálogo entre o ISD e aportes teóricos dos textos orais. **Revista Eutomia**, v. 13, jul. 2014.